



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
DEPARTAMENTO DE LETRAS / CAMPUS CENTRAL / UERN
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS- PROFLETRAS**

ANTÔNIA DVANDY PEDROSA LIMA

**CLARO ENIGMA: DESVENDANDO O MUNDO DAS PALAVRAS E DA
POESIA DRUMMONDIANA NA SALA DE AULA**

MOSSORÓ - RN

2023

ANTÔNIA DVANDY PEDROSA LIMA

**CLARO ENIGMA: DESVENDANDO O MUNDO DAS PALAVRAS E DA
POESIA DRUMMONDIANA NA SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Mestrado PROFLETRAS, na área de concentração de Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes. Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva.

MOSSORÓ - RN

2023

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

- L732c Lima, Antônia Dvandy Pedrosa
 Claro Enigma: Desvendando o mundo das palavras e
 da poesia Drummondiana na sala de aula. / Antônia
 Dvandy Pedrosa Lima. - Mossoró - RN, 2022.
 107p.
- Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da
 Silva.
- Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado
 Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio
 Grande do Norte.
1. Programa de Mestrado Profissional em Letras. 2.
 Carlos Drummond de Andrade. 3. Sequência didática. 4.
 Poesia. 5. Letramento literário. I. Silva, Marcos Vinícius
 Medeiros da. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
 Norte. III. Título.

ANTÔNIA DVANDY PEDROSA LIMA

**CLARO ENIGMA: DESVENDANDO O MUNDO DAS PALAVRAS E DA
POESIA DRUMMONDIANA NA SALA DE AULA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras –
PROFLETRAS – da Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte, como requisito
parcial para obtenção do título de Mestre em
Letras, pelo Mestrado PROFLETRAS, na área
de concentração de Leitura e Produção
Textual: diversidade social e práticas docentes.

Aprovada em: 02/05/2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferreira da Cruz
Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará - IFCE

Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

**Dedico aos meus pais ZacariasTeixeira
Lima e Maria Martins Pedrosa Lima
(in memoriam).**

AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir que o meu sonho se tornasse real.

Ao meu esposo, Fabrizzio, que sempre acreditou em mim.

À minha filha, Maria Luiza, amor e inspiração.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva, por sua dedicação, paciência e compromisso ético.

Aos professores do PROFLETRAS/UERN - Polo Mossoró, pela disponibilidade, dedicação e incentivo.

À minha banca, composta pelos professores Alexandre Bezerra Alves, Carlos Eduardo Ferreira da Cruz e José Roberto Alves Barbosa, que apontaram caminhos para aperfeiçoar este trabalho.

Aos colegas da turma 7 do PROFLETRAS com os quais convivi apenas de forma virtual, compartilhando conhecimentos e momentos de estudo pelo meet, nossa sala de aula.

À amiga Carla Vanessa, que muito me incentivou nesta caminhada.

À Candice, pela presteza e motivação.

Aos amigos e companheiros de trabalho, Ana Moreno e Auci Maia por compreenderem os meus momentos de estudo para que este trabalho se concretizasse.

Às coordenadoras da EJA no município de Quixadá, Maria do Carmo Ferreira, pelo incentivo e parceria.

Aos colegas professores da EJA, que comigo compartilham a esperança de uma sociedade mais justa.

Aos meus alunos da turma EJA II, que propiciaram momentos de troca de saberes significativos para este trabalho.

A todos aqueles que partilharam desse meu caminho.

“O escritor não precisa justificar-se, a não ser pela obra.”

Carlos Drummond de Andrade. *In*: O observador no escritório

RESUMO

Esta proposta tem como premissa possibilitar que o aluno, através dos poemas de Carlos Drummond de Andrade e da poesia contida nos versos do autor, sobretudo na obra *Claro Enigma*, assuma o papel de sujeito ativo e participante da ciranda de descobertas e significados da leitura. O intuito é permitir o aguçar da sensibilidade e da imaginação através da literatura, ponto de partida nessa construção de sentido, para que o discente da Educação de Jovens e Adultos - EJA II - referente ao 4º e 5º ano do Ensino Fundamental anos iniciais, consiga através do diálogo que o leitor estabelece com o autor, o texto e o contexto, numa abordagem hermenêutica de Ricoeur (1994), possa aprimorar o seu olhar e enriquecer as suas leituras. Nessa perspectiva de letramento literário, propomos sequências didáticas para cada um dos oito poemas drummondianos selecionados, buscando permitir o desvendar das palavras e da poesia, a partir da descoberta de algumas chaves de leituras que possibilitem essa construção no espaço da sala de aula em interação com o professor, os colegas e as obras propostas. O aporte teórico está pautado nas obras de Aguiar (2013), Arrigucci Jr. (2002), Bakhtin (2016), Candido (2004), Cosson (2020, 2021), Durão (2020), Freire (1967, 1989, 1996), Lage (2013), Marcuschi (2008), Merquior (2012), Moriconi (2001, 2002), Paz (1984), Pinheiro (2008), Ricoeur (1994), (Sant'Anna (2008), Villaça (2012), Thiollent (2011), entre outros que nos ajudarão a incentivar novos leitores na descoberta deste universo tão rico que a poesia pode proporcionar no processo de construção da leitura, resgatando a autoestima e o desvendar do prazer literário.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. Sequência didática. Poesia. Letramento literário. Ensino.

ABSTRACT

This proposal has as its premise to enable the student, through the poems of Carlos Drummond de Andrade and the poetry contained in the author's verses, especially in the work *Claro Enigma*, to assume the role of active subject and participant in the ciranda of discoveries and meanings of reading. The intention is to allow the sharpening of sensitivity and imagination through literature, a starting point in this construction of meaning, so that the student of Youth and Adult Education - EJA II - referring to the 4th and 5th year of Elementary School, can through the dialogue that the reader establishes with the author, the text and the context, in a hermeneutic approach by Ricoeur (1994), he can improve his look and enrich his readings. In this perspective of literary literacy, we propose didactic sequences for each of the eight selected Drummondian poems, seeking to allow the unveiling of words and poetry, from the discovery of some reading keys that allow this construction in the classroom space in interaction with the teacher, colleagues and proposed works. The theoretical contribution is based on the works of Aguiar (2013), Arrigucci Jr. (2002), Bakhtin (2016), Candido (2004), Cosson (2020, 2021), Durão (2020), Freire (1967, 1989, 1996), Lage (2013), Marcuschi (2008), Merquior (2012), Moriconi (2001, 2002), Paz (1984), Pinheiro (2008), Ricoeur (1994), Sant'Anna (2008), Villaça (2012), Thiollent (2011), among others that will help us encourage new readers to discover this universe so rich that poetry can provide in the reading construction process, rescuing self-esteem and unveiling literary pleasure.

KEYWORDS: Carlos Drummond de Andrade. Following teaching. Poetry. Literary literacy. Teaching.

LISTA DAS SIGLAS E ABREVIACÕES

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CDA - Carlos Drummond de Andrade

CE - Claro Enigma

DCRC - Documento Curricular Referencial do Ceará

EEF - Escola de Ensino Fundamental

EJA - Educação de Jovens e Adultos

NR - Nova Reunião

OCPC - Orientações Curriculares Prioritárias do Ceará

UFC - Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 COMPREENDENDO O UNIVERSO LEITOR	11
2.1 A importância da leitura numa sociedade letrada	13
2.2 Letramento literário	16
2.3 Poema e poesia	18
3 CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: O AUTOR ENIGMÁTICO	23
3.1 O eu multifacetado: um pouco do poeta	24
3.2 No reino das palavras: a obra do poeta	29
4 METODOLOGIA: CLARO, MAS OBSCURO ENIGMA	34
4.1 Primeira proposta: No meio do caminho	44
4.2 Segunda proposta: A palavra mágica	46
4.3 Terceira proposta: Cidadezinha qualquer	49
4.4 Quarta proposta: Quadrilha	51
4.5 Quinta proposta: Dissolução	54
4.6 Sexta propostas: Confissão	57
4.7 Sétima proposta: Memória	59
4.8 Oitava proposta: Amar	61
5 ANÁLISE DO CAMINHO PERCORRIDO	63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE 1	88
APÊNDICE 2	89
APÊNDICE 3	90
APÊNDICE 4	91
APÊNDICE 5	92
APÊNDICE 6	93
APÊNDICE 7	94
APÊNDICE 8	95
APÊNDICE 9	96
APÊNDICE 10	97
ANEXOS	98

1- INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco despertar o gosto e o prazer pela leitura através da poesia drummondiana, para que, atraídos pelos versos do autor os alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA II da EEF Pe. Vicente Gonçalves de Albuquerque, escola pública municipal, situada no bairro Campo Velho, na cidade de Quixadá, no Ceará - possam perceber a importância e o sentido que a leitura pode suscitar em suas vidas, tendo em vista que, mesmo sendo uma turma do 1º segmento, referente ao 4º e 5º ano do ensino fundamental anos iniciais e, já tendo algumas experiências escolares, mesmo assim, ainda não têm consolidado as habilidades de leitura e escrita. Eis, então, o grande desafio desta dissertação do Mestrado Profletras (UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Polo Mossoró), pesquisar e buscar caminhos para alfabetizar essa turma a partir da literatura brasileira, recorrendo aos versos do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Pessoalmente, desde muito cedo foi despertado em mim o encanto pela literatura. Quando criança na minha cidade havia uma biblioteca municipal e um bibliotecário apaixonado por livros - conhecia aqueles livros todos. O meu primeiro contato com o universo dos livros foi através de uma pesquisa da escola. Lembro que fiquei maravilhada com aquelas estantes cheias de livros e voltei para perguntar se podíamos ficar ali para ler. "Seu Albenísio" - este é o nome de quem me inseriu nesse mundo mágico da leitura - mostrou-me alguns livros que eu poderia ler com facilidade e, se desejasse, podia levar para casa. Lembro-me da leitura de *Pollyanna*, de Eleanor H. Porter e, como o seu jogo do contente me envolveu. Estava sempre naquele espaço buscando livros, histórias e autores e, dessa forma, o encanto começou e não parou mais.

Nos trabalhos de pesquisa, procuro sempre inserir a literatura e, neste trabalho, pensei em como levar a poesia para a sala de aula e me veio à mente o poema "A procura da poesia" de Carlos Drummond de Andrade que sempre me chamou a atenção e me proporcionou momentos de deleite e de reflexão. Então, já havia encontrado o autor. Mas qual obra? Pensei em *Alguma Poesia*, mas ainda não estava decidido. Na vivência de um momento que tivemos com os professores da turma 7 do PROFLETRAS - Mestrado Profissional em Letras -, cada um foi apresentando suas linhas de pesquisas e possibilidades de trabalho. O prof. Marcos Vinícius propôs o *Claro Enigma* como uma porta. Então, imediatamente abri-a, pois vinha de encontro ao que eu pensava pesquisar. Abracei a proposta e me debrucei a encontrar um caminho para desenvolver um trabalho a partir dessa obra. O enigma estava lançado.

As convicções de Drummond se exprimem com nitidez suscitando poemas admiráveis, alusivos tanto aos princípios, simbolicamente tratados, quanto aos acontecimentos, que ele consegue interagir em estruturas poéticas de maneira eficaz, quase única no meio da aluvião de versos perceptíveis que então se fizeram. (CANDIDO, 2004, p. 79).

Estava trabalhando com uma turma de EJA IV que corresponde ao 8º e 9º ano. Então acreditei que Drummond, através de sua poesia podia despertar o prazer e o encantamento pela leitura, tendo em vista que mesmo concluindo a última etapa do ensino fundamental, alguns alunos tinham dificuldade até mesmo de decodificar palavras.

Precisava trilhar um caminho que levasse à leitura, habilidade que ajuda no desenvolvimento da linguagem, amplia o nosso conhecimento e permite que tenhamos acesso a uma variedade de informações que podem nos ajudar a crescer e aprender novas coisas, além de estimular a criatividade, expandindo a nossa imaginação, nos ajudando a compreender melhor nossas emoções e ações, bem como nos permite colocar-nos no lugar do outro, possibilitando não só o desenvolvimento intelectual, mas o nosso bem-estar emocional. O contato com o livro nesse processo é importante, para que os alunos possam folhear, ler, escolher, refletir e começar a desenvolver suas impressões, criando afinidades com este ou aquele poema. Com esta ou aquela história.

Ler é, assim, apropriar-se de um produto cultural, gerado intencionalmente por um ou mais autores inseridos em determinada comunidade. É entrar em contato com um objeto histórico e social, construído ideologicamente, através do qual o sujeito marca sua presença na coletividade em que vive. A atividade de leitura propicia, por isso, a expansão do leque de experiências do sujeito, que passa a interagir com novas ideias e sentimentos, novas formas de conceber o mundo e as relações humanas. (AGUIAR, 2013, p. 154).

É indiscutível a importância da leitura para a vida individual, social e cultural do ser humano, pois, através do ato de ler, o leitor interage com a obra e o autor, para a elaboração de ideias que são suscitadas a partir do texto lido, relacionando suas vivências e leituras, possibilitando a criação de significados ao que lê. Dessa forma, aos poucos, o indivíduo vai adquirindo uma maturidade leitora que permite assumir uma atitude crítica diante do mundo que o cerca.

Partindo da premissa que “o ato de ler não se esgota na simples decodificação da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga nas mais diversas interações” (FREIRE, 1989, p.11) e, na Educação de Jovens e Adultos - EJA, em especial, é uma realidade, pois ao chegarem a esta modalidade de ensino, os alunos vêm ansiosos para aprender a escrever o próprio nome e ler nem que seja palavras de sílabas simples, mas ler. No entanto, até chegarem à EJA, os alunos já têm percorrido muitos caminhos e afinado a sua percepção de

mundo, sobretudo, através das próprias vivências e experiências ao longo das suas trajetórias humanas, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra.” (FREIRE, 1989, p.5).

Esse percurso dos alunos da EJA até chegarem, novamente, às salas de aula, muitas vezes os distanciam do universo leitor, apesar das experiências adquiridas nas mais diversas interações com o meio e as pessoas com as quais convivem. A proposta da leitura de poemas, nesse contexto, seria uma forma de introduzi-los e atraí-los ao universo letrado, pela organização das palavras na construção dos versos, pela composição poética utilizada pelo autor, que ao ser lido e interpretado à luz da sensibilidade o ajudará a captar e atribuir um significado, relacionando seu universo ao universo da obra, aproximando o seu universo ao universo criado pelo autor. E, Drummond é esse poeta que esteve sempre em busca de novas construções, novas combinações, novo jeito, superando sempre os seus limites e os limites dos vocábulos, conquistando a cada poema, um novo leitor.

Sendo um poeta excepcionalmente atento aos limites das palavras, não falta a Drummond aquela lucidez de desconfiado idealista, que tanto preza a significação finita de um signo como nutre o desejo de superar essa contingência. O poeta é um lutador que faz suas armas, as palavras, debaterem-se contra seu espelho: momento em que a linguagem mesma se torna seu objeto desafiante, e arrosta a quem deseja expô-la. Ciente dessa condição ambígua de poeta, senhor das palavras que é também seu serviçal, Drummond apresta-se para a procura da linguagem plena, numa busca obstinada. (VILLAÇA, 2012, p. 111).

Por conta da lotação de 2022, houve uma mudança de turma e de instituição escolar. Fato que exigiu grandes arranjos na metodologia para que estivesse de acordo com o público da turma que agora estou lecionando. Nessa perspectiva, a abordagem, agora, teria que ser outra, tendo em vista que se trata de uma turma de EJA II - que compreende ao 4º e 5º anos iniciais do ensino fundamental, mas na verdade, são dez senhoras e dois senhores que ainda não têm o domínio da leitura e da escrita - não escrevem nem o próprio nome, mas que têm uma sede grande de conquistar estas habilidades para que este sonho se torne realidade. No entanto, tem um grande fator a nosso favor, no que diz respeito à compreensão, tendo em vista a experiência, fruto das vivências que os alunos já conquistaram, um conhecimento de mundo que ajudará e muito à captar a ideia de cada poema a ser explorado.

Nesse sentido, o objetivo central deste trabalho é verificar a contribuição da poesia drummondiana na sala de aula com alunos da EJA II – referente ao 4º e 5º ano do ensino fundamental anos iniciais, na perspectiva de despertar a conquista, o prazer e o gosto pela leitura de poemas, a partir de uma sequência didática abordando, em especial, a obra *Claro enigma* e, os seguintes objetivos específicos: a) propiciar momentos de interação com a poesia drummondiana na busca de criar significado à obra lida, na perspectiva de despertar o

gosto pela leitura e a identificação com o gênero poema, a partir da conquista da habilidade leitora; b) identificar como a poesia pode despertar no leitor a reflexão e o senso crítico ao desvendar os mistérios do texto e transbordar para a oralidade e a escrita; c) propor uma sequência didática para a promoção do letramento literário de alunos da EJA a partir de oito poemas de Carlos Drummond de Andrade: No meio do caminho, A palavra mágica, Cidadezinha qualquer, Quadrilha, Dissolução, Confissão, Memória e Amar.

Tendo a poesia drummondiana como ponto de partida para o despertar da conquista e do gosto pela leitura, é intuito deste trabalho buscar respostas a algumas inquietações com relação à leitura e, especialmente, como a poesia pode contribuir para a formação de leitores que possam interagir e dar significado à obra lida, assumindo, inclusive, uma postura de sujeito ativo e participante, capaz de perceber a riqueza literária como legado da cultura de um povo, aguçando a sensibilidade e a imaginação leitora.

Assim, diante deste universo a ser pesquisado e constatado, levantamos algumas questões de pesquisa que nortearão este estudo: a) qual o efeito da poesia drummondiana para despertar o gosto pela leitura e a busca por significados a partir da identificação com o gênero poema? b) como a poesia pode despertar no leitor a reflexão e o senso crítico ao desvendar os mistérios do texto e transbordar para a oralidade e a escrita na criação de seus próprios poemas? c) qual a contribuição de uma sequência didática para o letramento literário de alunos da EJA a partir da poesia de Carlos Drummond de Andrade e, sobretudo, da obra *Claro enigma*?

O foco da pesquisa deste trabalho, a princípio, seria parte dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, da obra *Claro Enigma*, ponto de partida e de chegada a partir dos textos que compõem esta obra literária. Contudo, o público leitor que tínhamos para iniciar o trabalho, nos desafiava a buscar novos caminhos, tendo em vista que os alunos da turma, ainda não tinham o domínio da leitura e da escrita, pois tratava-se de uma turma de EJA II - referente ao 4º e 5º anos iniciais do ensino fundamental. O desafio era, agora, um caminho a percorrer. Nessa perspectiva, lançamos a seguinte questão: como a obra drummondiana pode trazer contribuições importantes para despertar a conquista, o interesse e o gosto pela leitura de alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA II, ainda não alfabetizados?

Precisávamos traçar um novo percurso, mas sem deixar de lado o *Claro Enigma* e a poesia Drummondiana. Retomamos, então, a obra inicial *Alguma poesia* para combinar e, assim, desenhar uma nova proposta, mas sem descartar as ideias já pensadas para este trabalho.

Como a proposta deste projeto, é construir uma sequência didática para abordar a prática da leitura interativa associada à análise de textos poéticos drummondianos, a partir de uma abordagem hermenêutica, tendo em vista o papel de cada elemento que contribui para essa perspectiva discursiva: o autor, o texto e o leitor que, ao interagir com a obra constrói significados e busca sentido para o que lê. Então, buscamos realizar os ajustes na abordagem da poesia e a buscar poemas que tanto encantassem pela temática, mas também pelo fazer poético, propondo a leitura e a escrita a partir da obra de Drummond.

Diante desse contexto desafiador, que agora se apresentava, reorganizamos a nossa proposta de trabalho, mas continuamos contemplando o gênero poema e nosso poeta Drummond, para que a partir de suas poesias pudessemos despertar o desejo de descobrir o que estava escrito nos versos e desvendar nas entrelinhas a ideia do autor, interagindo e buscando sentido à obra e assumindo a coautoria de leitor.

Acreditamos que o uso dos conhecimentos armazenados sobre língua e mundo se manifestam na interação com o texto na produção de sentido, relacionando o que está posto às suas vivências e experiências, enriquecendo a tessitura do texto, que aqui, é lugar de interação, onde o homem se constrói enquanto o produz.

A produção de linguagem constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente, com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução – e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal. (KOCH, 2004, p. 33).

O tema proposto para esta pesquisa está centrado na Poesia brasileira, tendo em vista que trataremos de um dos grandes poetas do contexto literário, Carlos Drummond de Andrade, explorando a sua obra que neste trabalho delimitava-se ao livro *Claro enigma* e aos poemas especulativo-existenciais - segundo Merquior (2012, p. 180), que compõem basicamente a primeira e a sexta parte da obra. No entanto, diante do desafio proposto, as alterações faziam-se necessárias, pois tínhamos que iniciar pelo despertar do gosto e prazer pela leitura, tendo em vista que nenhum aluno da turma é alfabetizado. Então, realizar um mergulho maior na obra drummondiana era necessário, buscando poemas que incitasse esse despertar para a leitura a partir das temáticas, tecendo sentido no que era proposto para leitura, bem como a relação com as experiências de vida da turma, suscitando reflexões e interesse pela obra do autor. Como defende Freire,

Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações,

os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. (FREIRE, 1989, p. 13).

Na busca por esse caminho que precisaríamos trilhar nos veio em mente a insistência de Paulo Freire por essa “palavra geradora” cheia de sentido e desencadeadora de reflexões, capaz de aprimorar o senso crítico e o olhar acerca do mundo no qual o sujeito está inserido. Buscar a construção do universo vocabular aliado à poesia de Drummond era um desafio que iríamos trilhar, juntos.

Ao falar da poesia de Drummond, podemos pensar sobre um dos poemas mais conhecidos, no qual ele cria os versos: “No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho.” (NR, v.1, 2013, p. 22). Percebemos neste poema uma situação banal, corriqueira, mas que nos leva a pensar na diferença que a retirada desta pedra do meio do caminho pode fazer na vida do leitor, a cada poema lido, a cada leitura construída, a cada interação realizada. Essa foi a inspiração primeira para começarmos a abordar a obra Drummondiana e a poesia em sala de aula, após algumas semanas numa avaliação diagnóstica e atividades direcionadas para perceber, detectar os conhecimentos que a turma de EJA II – referente ao 4º e 5º ano já dominava e, quais precisavam construir e consolidar para a conquista, sobretudo, da habilidade leitora.

Para nós, foram duas surpresas: a inicial (os alunos da turma precisavam desenvolver as habilidades de leitura e de escrita, inclusive, a escrita do próprio nome) que desencadearia uma adaptação grande do projeto a ser desenvolvido com a turma e, em segundo lugar, e que nos deixou mais vibrantes, foi a vontade, o empenho de cada aluno em se comprometer e querer realmente aprender. Então, o nosso pacto foi selado e nossa meta foi lançada: até o final do ano, os 12 alunos dessa turma de EJA II irão conquistar as habilidades de leitura e escrita, mas sobretudo, aperfeiçoar a leitura do mundo a sua volta de forma crítica, bem como o sentimento de pertença e identificação como sujeito social, capaz de pensar e posicionar-se diante do universo que o cerca. Como lembra Freire, “A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito.” (1996, p.27)

Nessa caminhada, descobertas e caminhos vão sendo desvendados, olhares e percepções vão sendo despertados na busca de significados às leituras, a partir dos versos drummondianos que trazem o cotidiano e a investigação existencial para a construção textual,

nos quais o poeta realiza a escolha adequada das palavras numa luta incessante para surtir o efeito desejado à obra, que ganha vida ao ser decifrada pelo leitor.

A partir do poema “No meio do caminho” nos veio a inspiração para traçarmos e buscarmos caminhos que nos conduzissem à remoção de pedras no percurso da caminhada do leitor, aluno da EJA II, para que essa fosse prazerosa e desencadeadora de reflexões importantes para a consolidação das habilidades de leitura e escrita.

Esta proposta, traz no capítulo inicial a importância do ato de ler, refletindo sobre a abordagem de Aguiar (2013), Barthes (2015), Bakhtin (2016), Freire (1967, 1989, 1996) e Marcuschi (2008), passando pelo letramento literário, inspirado na obra de Cosson (2020, 2021) e Lajolo (2018), e concluímos o capítulo estabelecendo a diferença entre poema e poesia, com a contribuição de Paz (1982) e Pinheiro (2018), que nos ajudarão a compreender o universo leitor e como a poesia pode ajudar nesse processo de construção das habilidades de leitura e escrita.

No capítulo seguinte, apresentamos o autor enigmático, Carlos Drummond de Andrade, abordando um pouco da sua trajetória desse eu multifacetado que compõe o autor sob o olhar de Andrade (2012), Cançado (1993), Cunha (2006), Villaça (2012), bem como a sua obra, em especial a poesia, com a contribuição de Arrigucci Jr. (2002), Candido (2004), Merquior (2012), Moriconi (2002, 2012) e Sant’Anna (2008), na perspectiva de conhecermos um pouco mais sobre o autor e sua obra, sobretudo, em se tratando de *Claro Enigma* (1951), atentando para a sua capacidade de expressar os sentimentos, emoções e ideias, com uma aparente simplicidade na linguagem, mas de uma profundidade que desperta reflexões importantes sobre a existência humana e os desafios da modernidade, despertando a sensibilidade dos leitores.

Na metodologia, apresentamos os oito poemas drummondianos contemplados nesta pesquisa, desenvolvendo uma sequência didática básica a partir do pensamento de Cosson (2020, 2021), bem como as ideias de Bakhtin (2016), Durão (2020), Gadamer (1999), Ricoeur (1994) e Thiollent (2011) que fundamentam a abordagem realizada nesta pesquisa em literatura. Dialogamos ainda com os poemas a serem explorados em sala à luz de Andrade (2012), Arrigucci Jr. (2002), Lage (2013) e Villaça (2013), tendo como ponto de partida os conhecimentos prévios dos alunos, criando situações que possibilitem o pensamento crítico e o entendimento da construção textual a partir da forma como o autor escreve e, buscamos explorar chaves de leituras que propiciaram descobertas significativas na construção de sentidos autorizados pelos textos a partir da abordagem hermenêutica.

Em seguida, realizamos a análise do caminho percorrido, descrevendo o passo a passo das atividades desenvolvidas a partir dos oito poemas de Drummond, bem como a recepção dos alunos e a construção do processo ensino-aprendizagem, tendo como foco a interação dos estudantes com a obra e a sua abordagem no universo escolar, na perspectiva de compreender e enriquecer esse complexo território da leitura.

Nesta proposta, trazemos a poesia drummondiana para o centro das discussões no espaço escolar visando despertar e valorizar as tentativas do aluno na construção de olhares possíveis sobre a obra para a consolidação das capacidades/habilidades de leitura e escrita.

Acreditamos que temos um longo e desafiante percurso a ser construído. Sigamos.

2- COMPREENDENDO O UNIVERSO LEITOR

As dificuldades de leitura são visíveis nas salas de aula, sobretudo em se tratando de alunos da EJA, que têm toda uma história de idas e voltas na sua jornada acadêmica até chegar ao estudo noturno. Buscando sempre conciliar trabalho e estudo, na perspectiva de vislumbrar dias melhores e, por acreditar que este pode abrir-lhes portas para o mercado de trabalho, bem como inseri-los na sociedade letrada.

No entanto, o cenário que se desenhava agora, ainda era mais particular, tendo em vista que a turma a ser trabalhada não tinha, sequer, o domínio das habilidades de leitura e escrita e o nosso papel enquanto educador é agir diante da realidade encontrada e traçar caminhos que propiciem o processo ensino-aprendizagem e, nesse caso, em específico, será explorar atividades que despertem e favoreçam práticas que envolvam o ler e o escrever, trabalhando esses processos de forma associada, tendo em vista que,

a consciência individual e social que o ato de ler aguça, acaba por se converter em um privilégio para a sociedade de classes. Historicamente, a escrita representa uma conquista sobre a memória, de que se valem sobremaneira as sociedades ágrafas. Por sua eficiência para a fixação e conservação de ideias, o texto escrito leva vantagem sobre a transmissão oral e afasta das decisões do grupo aqueles que não conseguem decifrá-lo. (AGUIAR, 2013, p. 157)

Mais do que propiciar o processo de alfabetização é necessário, pois, inseri-los no universo letrado para que possam, através da leitura e o domínio pleno da escrita, desfrutar o acesso, de modo progressivo, ao acervo cultural histórico e social e rompam com a marginalidade, expandindo as possibilidades de interação com o meio social no qual está inserido, sobretudo, no que diz respeito à concepção de mundo e as relações humanas estabelecidas. Segundo Candido, a organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador. No entanto, o que há de grave numa sociedade como a brasileira é que ela mantém com a maior dureza a estratificação das possibilidades, tratando como se fossem compressíveis muitos bens materiais e espirituais que são incompressíveis. (2004, p. 186)

Diante dessa nova realidade, pretendemos buscar um caminho juntos, porém com a presença de Drummond para nos ajudar a “palmilhar” (A máquina do mundo-CDA) esse percurso de descobertas, sonhos e conquistas. Com a certeza de que o enigma que nos apresenta, pode hoje, não ser tão claro, mas que iremos desvendá-lo, por acreditar que a leitura pode ser construída na interação com o outro, com o autor e com a obra, criando canais

de entendimento ao relacionar os conhecimentos prévios às ideias do texto na busca de sentido, como propõe Aguiar,

Sabemos que a leitura é a atividade de decodificação de um texto, de percepção e interpretação dos sinais que se apresentam de forma ordenada, guardando entre si associações de sentido. Ler, no entanto, não é apenas decifrar um código: é perceber a interligação lógica dos significados, as relações entre eles e, o que é mais importante, assimilar o pensamento e as intenções do autor, confrontar as ideias apreendidas com os conhecimentos anteriores sobre o assunto, dialogar com o autor, posicionando-se diante dele, e utilizar os conteúdos ideativos adquiridos em novas situações.(AGUIAR, 2013, p. 153)

Partindo do poder de encantamento causado pela poesia, a partir do gênero poema que muitas vezes não é explorado no universo escolar, acreditamos que essa possa contribuir de forma significativa para o despertar de leitores que preze a descoberta e a busca constante de conhecimento, conquistando, inclusive a consciência identitária, com a escrita de seu nome. Ponto de partida, para a construção desse universo do desvendar de letras, sílabas, palavras, frases, textos e contextos.

Esta proposta tem como premissa possibilitar que o aluno, através dos poemas de Carlos Drummond de Andrade e da poesia contida nos versos, sobretudo da obra *Claro Enigma*, assumam o papel de sujeito ativo e participante do processo de construção de saberes, resgatando a autoestima e o prazer em interagir com os colegas.

Nessa perspectiva, participar dessa ciranda de descobertas e significados, pode permitir o aguçar da sensibilidade e da imaginação e, assim, ganhar espaço na abordagem, ampliando os horizontes, no sentido, de que, ao sair do espaço escola, o aluno possa buscar outras leituras e incentivar novos leitores na descoberta deste universo tão rico que a poesia proporciona. De fato, segundo Freire, este universo crítico do ato de ler é construído nesse movimento de uma prática de alfabetização consciente,

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1989, p. 13).

Ler e ouvir poesias para alimentar o imaginário e a sensibilidade é partilhar um pouco da ideia de Drummond (Corpo, 1984) no poema Lembrete: “Se procurar bem você acaba encontrando/ não a explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia (inexplicável) da vida”(NR, 2014, v.3, p.473). Essa vitalidade que a poesia proporciona ao leitor abre possibilidades de encantamento e interesse para o despertar do diálogo com o que o texto proporciona, tornando

esses momentos de leitura mais ricos e interessantes ao permitir o desvendar do texto a partir da interação do leitor com a visão do autor, tendo a obra literária como inspiração para a construção de sentidos.

Nesse contexto, defendemos que a poesia de Carlos Drummond de Andrade pode trazer significação e deleite através da leitura, transformando este ato que, muitas vezes, parece enfadonho e cansativo, numa atividade permeada de prazer e descobertas, ao descortinar palavras e versos, para depois, transbordar na oralidade e na escrita, ou vice-versa, a depender da sequência didática proposta em cada poesia a ser explorada. Essa troca de sensibilidades, interação, leituras e olhares sobre temas vão humanizando o leitor à medida que possibilita viver experiências que uma vida só não daria conta. Dessa forma,

O processo de leitura pressupõe, portanto, a participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem acabada, mas, ao contrário, interfere na construção dos sentidos, preenchendo os vazios textuais de acordo com sua experiência de leitura e de vida. Isso se dá porque a obra fornece pistas a serem seguidas pelo leitor, mas deixa muitos espaços em branco, nos quais ele não encontra orientação e precisa mobilizar seu imaginário para continuar o contato. (AGUIAR, 2013, p. 153)

Esse movimento de busca, essa atitude de se deixar tocar pelas palavras e adentrar no encantamento proporcionado pela poesia é o que dá vida ao texto que só passa a existir à medida que é lido, sentido. Essa coautoria com a obra ao interagir com o que está escrito, ao trazer para a leitura suas experiências e seu conhecimento de mundo possibilita uma compreensão e interpretação significativa do poema, favorecendo a maturidade da competência leitora, que aos pouquinhos, vamos perseguindo e conquistando, juntos.

2.1- A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NUMA SOCIEDADE LETRADA

A leitura é uma atividade que faz parte do cotidiano de uma sociedade letrada e se faz presente em todos os níveis educacionais. Assim, a leitura enquanto instrumento de acesso à cultura deve ser estimulada, sobretudo no ambiente escolar, que muitas vezes é o único contato do aluno com o universo cultural. Para Cosson,

Saber ler, apropriar-se da escrita, não torna uma pessoa mais inteligente ou mais humana, não lhe concede virtudes ou qualidades, mas lhe dá acesso a uma ferramenta poderosa para construir, negociar e interpretar a vida e o mundo em que vive. (COSSON, 2020, p. 33).

A apropriação da leitura e da escrita confere ao ser humano acesso a este universo letrado à medida que vai interagindo com a leitura e escrita, aprimorando a cada diálogo estabelecido com o enunciador num movimento dinâmico de interação social (BAKHTIN,

2016, p. 58), construindo sentido ao estabelecer conexões entre o texto e as suas experiências de vida, seus conhecimentos prévios, que também são enriquecidos a cada nova leitura, como defende Cosson, ao dizer que

ler é produzir sentidos por meio de um diálogo, uma conversa. Pode ser uma conversa amena sobre questões triviais, como a leitura que fazemos de uma revista antiga em um consultório médico ou no aeroporto enquanto aguardamos o chamado do nosso voo. [...] Pode ser uma conversa mais profunda, como aquela que temos com um poema, quando descobrimos no arranjo poético das palavras o que julgamos ser a tradução exata do que sentimos ou do que pensamos. (COSSON, 2020, p. 35).

Nessa composição sociocultural da pessoa humana, percebe-se uma evolução na construção de sentido que a leitura, fruto das mais diversas interações, que o meio oferece por meio da linguagem, não pode ser considerada como um simples processo de elaboração de informações obtidas de forma desorganizada, mas um “processo de (re)construção do próprio real. Ao usarmos uma forma simbólica, manipulamos a própria percepção da realidade de maneira significativa”. (KOCH e MARCUSCHI, 2017, p. 130-131).

Através do texto escrito, dos registros deixados pelos nossos antepassados é possível travar um diálogo, que ganha vida a partir da leitura, que possibilita esta interação e troca de conhecimentos, tendo em vista que,

A leitura significa o estabelecimento de elos com as manifestações socioculturais distantes no tempo e no espaço e, conseqüentemente, a possibilidade de diálogo do leitor com os outros homens, levando-o a compreender melhor o presente e o seu papel como sujeito histórico. (AGUIAR, 2013, p. 156).

É por meio da leitura que é possível estabelecer uma ligação entre o presente e o passado, conhecendo ideias e pensamentos de uma geração que poderá contribuir com outras gerações, se sua obra permanecer viva e propagada, como lembra Cosson (2020, p. 35), ao afirmar que ler é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com as experiências dos outros, tendo em vista que nesse diálogo trava-se um encontro com o outro, bem como relações que se dá através dos sinais inscritos em algum lugar que é o objeto físico da leitura, criando vínculos e estabelecendo laços entre o leitor, o mundo e os outros leitores.

Trazermos a proposta de explorar a poesia e tê-la como gênero que desencadeará reflexões, entendimentos, interações, relações é um desafio, mas também um prazer vivenciar experiências tão significativas. Como afirma Pinheiro ao referir-se à abordagem do poema em sala de aula.

A leitura do texto poético tem peculiaridades e carece de mais cuidados do que o texto em prosa. Contudo, muitas das condições apontadas como essenciais para a leitura de poesia são também indispensáveis para o ato de leitura literária em geral. Não se trata de valorizar mais este ou aquele gênero literário. Trata-se de estar atento a procedimentos e cuidados específicos que convêm a cada gênero. Tendo em vista que a poesia é, entre os gêneros literários, dos mais distantes da sala de aula, a

tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada. (PINHEIRO, 2018, p. 21).

Vemos, então, a riqueza que a leitura propicia nesse contexto de ideias, de concepções, de compartilhamento de descobertas que a escola, enquanto espaço social, de propagação e construção de saberes deve ser grande motivadora e disseminadora dessa competência individual e social, ultrapassando a barreira da decodificação, da memorização mecânica, enveredando-se por esse mundo de descobertas e valorização do pensamento, das experiências vividas pelos alunos da EJA, bem como a sua leitura de mundo, como defende Freire,

Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. (FREIRE, 1989, p.13)

Nessa perspectiva, a literatura pode ser o ponto de partida nessa construção de sentido produzida a partir do diálogo que o leitor estabelece com o autor, o texto e o contexto, aprimorando o seu olhar e enriquecendo as suas leituras, como enfatiza Lajolo (2018, p.55-56) ao afirmar que a literatura é porta para variados mundos que nascem das inúmeras leituras que realizamos, tendo em vista que os mundos que a literatura cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação, nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um.

Cosson (2020, p.36) corrobora com essa ideia ao enfatizar que por meio da leitura abre-se as portas de várias comunidades de leitores, que junto com tantos outros determinam o que vale a pena ser lido, como deve ser lido e, no seu limite, em que consiste o próprio ato de ler. A leitura é, assim, um processo de compartilhamento, uma competência social e, a escola, deve constituir-se como um espaço onde se aprende a partilhar, a compartilhar, a processar a leitura.

Esse processo de aguçar a curiosidade através da leitura alimenta a criatividade e amplia o seu olhar no desvendar de textos, conversando com outros textos que já fazem parte do repertório do aluno. Daí a importância de alimentar esse aluno com a maior diversidade textual possível para que ele possa fazer essa tessitura literária, como defende Freire (1996, p. 32) no seu livro *Pedagogia da Autonomia*, ao destacar a curiosidade como inquietação

indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, pois não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e nos põe pacientemente diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos, aprimorando assim, a cada leitura realizada, o olhar do leitor.

Nesta obra ainda, Freire enfatiza o papel diferencial do professor na motivação pela escrita, seus gestos, suas palavras dizem muito do que pensa e demonstra ou não a respeito pelo o que o aluno conseguiu produzir. Nesse sentido, o autor compartilha uma experiência vivenciada enquanto aluno:

O professor trouxera de casa os nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com o seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e de consideração. O gesto do professor valeu mais do que a nota dez que atribuiu à minha redação. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim, mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu... (FREIRE, 1996, p.43)

A confiança estabelecida nessa interação e a importância da palavra, até as não faladas, evidenciam todo um sentido para os dois personagens desta vivência que têm agora uma relação de olhares tecida a partir do texto produzido pelo aluno e, que ganha vida com o olhar atento do professor que o motiva e o impulsiona para novas descobertas textuais, que a cada leitura consolida o seu letramento literário.

2.2- LETRAMENTO LITERÁRIO

Partindo do pressuposto da importância do ato de ler e as possibilidades que esse ato propicia ao ser humano, encontramos na literatura a possibilidade de dar materialidade à imaginação, ao fantasioso, à criatividade, como atrativo para esse universo de possibilidades e olhares que o texto literário permite, pela sua plurissignificação, como postula Cosson (2021, 17) ao afirmar que na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos, pois nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos, tendo em vista que a literatura é uma experiência a ser realizada, é mais que um conhecimento a ser reelaborado.

Lajolo (2018) defende que a história vivida pela multidão de leitores está sempre presente, no direito ou no avesso do texto, pois cada um, no silêncio ou na algazarra de suas leituras, torna literário alguns dos textos com que se encontra na vida. A literatura nasce não

só da realidade circundante compartilhada por autor e leitores, mas também do diálogo com tudo que, vindo de tempos anteriores, constitui a chamada tradição literária. É como se a literatura fosse um constante passar a limpo de textos anteriores, constituindo o conjunto de tudo - passado e presente - um grande e único texto literário. (p.60). É através dela que podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossas experiências e, mesmo assim, sermos nós mesmos. Eis o motivo pelo qual, interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.

Para Marcuschi, a compreensão textual é também um exercício de convivência sociocultural e ao produzirmos algum enunciado, desejamos que ele seja compreendido, porém nunca exercemos total controle sobre o entendimento que este enunciado possa vir a ter. Ângela Kleiman (2004, p. 14 *apud* MARCUSCHI, 2008) para retratar sobre a atividade de leitura, enfatiza o letramento como prática social:

A concepção hoje predominante nos estudos de leitura é a de leitura como prática social que, na linguística aplicada, é subsidiada teoricamente pelos estudos do letramento. Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e a multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos e que determinam esses diferentes modos de ler. (MARCUSCHI, 2008, p. 231)

Nessa busca constante de dar sentido às palavras são inúmeras as possibilidades, as combinações selecionadas para dar o efeito desejado ao texto, pois ao fazermos parte desse todo social povoado de palavras e leituras, estas são incorporadas ao repertório leitor de cada indivíduo que delas se apropriam e as faz suas, partindo do princípio de que se as palavras vêm da sociedade da qual faz parte, estas não são de ninguém individualmente, mas faz parte do acervo coletivo daquela sociedade humana, como afirma Cosson (2021, p.16) que ao fazer uso dessas palavras, o indivíduo, vai se apropriando desse universo vocabular através do uso e, nessa dinâmica, as palavras se modificam, se dividem e se multiplicam, vestindo de sentido o ser humano que a cada interação com o texto vai compondo o seu letramento literário.

Assim, a literatura nos permite romper os limites e nos possibilita viver vidas que uma vida só não daria conta de viver. É um aprendizado que vai sendo construído à medida que novas leituras vão sendo realizadas e esses textos vão se entrelaçando com outros já lidos e, esses vão indicando outros que serão lidos e, nesse emaranhado de tessituras, o letramento literário acontece e vai compondo o eu leitor, que busca na literatura, na poesia, novos sentidos, novas percepções que vão enriquecendo a obra e o leitor a cada releitura.

A leitura de qualquer poema lírico é tarefa de uma vida inteira - não, naturalmente, no sentido de que deve prosseguir indefinidamente pelo resto da vida, mas no

sentido de que, como um grande poema, merece muitas releituras. E, nos intervalos dessas releituras, podemos aprender mais a respeito de um poema do que imaginamos. (Adler e Doren, 1974, *apud* PINHEIRO, 2018, p.33).

Aprimorar o letramento literário dos alunos passa por ações como incentivar e motivar a leitura de novos textos, novos gêneros, novos autores, na perspectiva de propiciar, no espaço escolar, práticas leitoras, no caso, de jovens e adultos, que buscam nesse espaço social a consolidação de saberes necessários para o desenvolvimento da leitura e da escrita, proporcionando a partir da literatura momentos significativos de interação com o universo cultural, para que a escola assuma verdadeiramente, o seu papel de alargar e difundir as diversas manifestações artísticas, explorando palavras, sons e imagens, despertados por cada poesia proposta, como propõe Cosson,

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização. (COSSON, 2021, p. 17)

Apostando no poder da poesia, desenvolvemos essa proposta de trazer a poesia drummondiana para o centro das discussões no espaço escolar visando despertar e valorizar as tentativas de compreensão e interpretação dos poemas apresentados em sala, bem como traçar, junto com os alunos, uma relação com as vivências e experiências, estabelecendo conexões com a própria vida, construindo sentido e aprimorando o olhar leitor, a partir dos versos do autor que no seu fazer literário, aborda desde situações cotidianas, as inquietações humanas que nos conecta e nos incita.

Para Candido (2004, p. 186), “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, dando indicativo que a literatura nos humaniza pelo fato de dar forma aos sentimentos e organizar a visão de mundo do leitor, libertando-o do caos”. Esse universo da linguagem constituído de palavras é o universo que habitamos e construímos como leitor e escritor, encontrando na poesia um caminho de descobertas e redescobertas.

2.3- POEMA E POESIA

O elemento principal do gênero lírico é a subjetividade. É através dela que os escritores expressam os seus sentimentos, buscando conquistar o leitor, utilizando de vários recursos estruturais com o intuito de despertar no outro emoções, memórias, cheiros, enfim,

conquistar a empatia do leitor e trazê-lo para esse universo de sentimentos, na busca de sentido para o texto lido. Assim, fala Drummond aos novos leitores, no prólogo da obra *Antologia Poética*:

Não tenho pretensão de ser mestre em coisa alguma, e conheço minhas limitações. Depois de praticar a literatura durante mais de 60 anos, publicando 16 livros de prosa e 25 de poesia, não cultivo ilusões, mas continuo acreditando com o mesmo fervor na beleza da palavra e no texto elaborado com arte. (ANDRADE, 2004, p. 01)

Acreditar na beleza da palavra é o ponto chave do autor que busca no seu universo vocabular a palavra adequada para surtir com poesia o efeito desejado no leitor, tendo em vista que a poesia está presente em tudo: na música, na fotografia, nos objetos, nas paisagens, pois significa produção artística, causada pela plurissignificação, estranheza, ambiguidade.

Por assim dizer, a poesia é tudo o que utiliza recursos especiais para expressar significados. De fato, Paz (1982), afirma que “pode haver poesia, sem poeta, bem como, nem todo poema - ou para sermos exatos, nem toda obra construída sob as lei da métrica, contém poesia.”, enfatiza, ainda, que poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, tendo em vista que a atividade poética é revolucionária por natureza, exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. (p.15-16)

Certa vez o escritor Oswald de Andrade disse a seguinte frase: "Aprendi com meu filho de 10 anos que poesia é o descobrimento das coisas que nunca vira antes". A poesia é a própria forma de vermos a arte. Apreciemos este soneto:

Remissão

Tua memória, pasto de poesia,
tua poesia, pasto dos vulgares,
vão se engastando numa coisa fria
a que tu chamas vida, e seus pesares.

Mas pesares de quê? perguntaria,
se esse travo de angústia nos cantares,
se o que dorme na base da elegia
vai correndo e secando pelos ares,

e nada resta, mesmo, do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras,
senão contentamento de escrever,

enquanto o tempo, em suas formas breves
ou longas, que sutil interpretavas,
se evapora no fundo do teu ser?

(ANDRADE, CE, 2012, p. 17)

Soneto decassílabo com rimas simétricas, evoca o tempo, demonstrando pessimismo que “evapora no fundo do teu ser”. A poesia, o exílio das palavras, seria sua única alegria, poder escrever, expressar o que sente.

Tocar a sensibilidade do leitor com poesia, trazê-lo para a experiência proposta e envolvê-lo no universo imaginário criado nesta interação singular autor/leitor/criação é onde reside a beleza da literatura que desperta no outro, sentimentos ímpares. Nesse sentido, a seleção dos poemas a serem apresentados aos alunos fazem toda a diferença na abordagem a ser realizada em sala, como salienta Pinheiro (2018, p. 66), ao afirmar que a sensibilidade se cultiva oferecendo poemas de nível estético comprovado, indicando como uma experiência humana se alçou à condição de símbolo; mostrando estudos que souberam desentranhar sentidos de poemas pelos quais muitas vezes passam despercebidos.

Os poemas de Drummond têm esta especificidade de aliar sentido e forma numa construção de valor artístico que possibilita o leitor criar imagens a partir da poesia contida nos versos, possibilitando uma interação com a obra, capaz de despertar sentimentos que vão além da forma, da estética. Unir forma e sentido numa proposta de leitura integradora como propõe Pinheiro, enriquece a abordagem e amplia a leitura:

Trabalhar a sensibilização não significa deixar de lado as questões de caráter formal e teórico. É perfeitamente possível chamar a atenção para a beleza de uma imagem, para um ritmo, para o andamento de um verso, para a configuração gráfica de um poema e, ao mesmo tempo, compreender o sentido daquela imagem, o efeito alcançado por aquele ritmo, aquele andamento, aquele modo de construção. Ou seja, é possível ir além da sensibilização, fazer uma leitura integradora que vá da forma ao sentido e vice-versa; esse movimento é também, a seu modo, de sensibilização. (PINHEIRO, 2018, p. 66)

Diferentemente da poesia, o gênero textual poema é identificado com maior facilidade, tendo em vista o seu formato peculiar organizado em versos, estrofes, com rimas ou não, com metrificação ou não. Vejamos este outro soneto com teor metalinguístico, poema composto por 4 estrofes e 14 versos, no qual o eu lírico deseja um verso, escuro, intratável, seco:

OFICINA IRRITADA

Eu quero compor um soneto duro
como poeta algum ousara escrever.
Eu quero pintar um soneto escuro,
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,
não desperte em ninguém nenhum prazer.
E que, no seu maligno ar imaturo,
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro
há de pungir, há de fazer sofrer,

tendência de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrará: tiro no muro,
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,
claro enigma, se deixa surpreender.
(ANDRADE, CE, 2012, p.38)

Poema e poesia parecem sinônimos, mas cada termo tem o seu significado no universo literário. Segundo Paz (1982, p. 19), a única característica comum a todos os poemas, consiste em serem obras, produtos humanos, como os quadros dos pintores e as cadeiras dos carpinteiros, pois cada poema é um objeto único, criado por uma “técnica” que morre no instante mesmo da criação. Abordar o gênero lírico e atentar para essas especificidades é importante até para despertar no leitor essa organização textual, dando forma aos seus pensamentos, sentimentos, a sua poesia, através do poema.

Para nós, que trabalhamos com o poema em sala de aula, a consciência de que a poesia é sempre “comunicação de alguma nova experiência” tem sabor especial. A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como ela é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor. O modo como o poeta diz - e o que diz - ou comunica sua experiência permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçará as suas emoções e sua sensibilidade. (PINHEIRO, 2018, p. 17-18)

Esse encontro significativo do leitor com a poesia alimenta a curiosidade e a busca por novos poemas, novas temáticas, amplia o seu repertório literário e possibilita novas leituras e novos olhares, despertando inclusive a sua sensibilidade e emoções. Segundo Pinheiro (2018, p.15-16), a partir dos anos finais do ensino fundamental, os alunos têm interesse por textos que tematizem experiências afetivas. Nesse sentido, abre-se uma porta pela via temática que permite um alargamento de visão do que está sendo vivido, uma descoberta de outras possibilidades de vivência afetiva, possibilitando que cada leitor, livremente, tire ou não lições das leituras para a sua vida.

Toda essa experiência do leitor com a linguagem e o gênero poema possibilita a vivência e o significado dado a cada palavra que, além de despertar para a riqueza da língua, permite experimentar o viés criativo que a poesia pode trazer para a vida, trazendo luz e cor para fatos que parecem ser casuais, despertando inclusive a sua sensibilidade e emoções. Para Pinheiro (2018, p. 19), há inúmeras reflexões sobre a função da literatura, porém acredita que nem tudo o que vale para a narrativa valha para a poesia e vice-versa. Por isso, busca reforçar a especificidade do valor da poesia na tentativa de possibilitar um encontro mais significativo do professor e do estudante com o poema. Paz corrobora com essa ideia ao propor que,

o poema é senão isto: possibilidade, algo que só se anima ao contacto de um leitor ou de um ouvinte. Há uma característica comum a todos os poemas: a participação. Cada vez que o leitor revive realmente o poema, atinge um estado que podemos, na

verdade, chamar de poético. (...) A leitura do poema mostra grande semelhança com a criação poética. O poeta cria imagens, poemas; o poema faz do leitor, imagem, poesia. (PAZ, 1982, p. 30)

Nesse sentido, o autor de poemas é o artista que brinca e dá sentido às palavras que ganham espaço nas linhas, formam os versos e, depois estrofes, na criação espetacular e singular de um poema, construindo um universo de possibilidades para a leitura, deixando que a poesia se revele plenamente. Destacamos aqui o artista da palavra, Carlos Drummond de Andrade e o seu jeito poético peculiar de retratar o cotidiano.

3 - CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: O AUTOR ENIGMÁTICO

Carlos Drummond de Andrade, considerado o maior poeta da literatura brasileira, autor de uma vasta fortuna crítica, nasceu em 1902, em Itabira do Mato Dentro - MG e faleceu em 1987, aos 85 anos, 12 dias após a morte de sua única filha, Maria Julieta. Funcionário público e redator de diversos jornais, essas funções cessaram a produção com a chegada da aposentadoria, porém da escrita não consegue desvencilhar-se, continua produzindo até o final da sua vida, deixando, inclusive, várias obras que foram publicadas postumamente, pois desde muito cedo, o poeta demonstrava fascínio pela escrita e tudo o que a envolve, como afirma o próprio autor no filme *O fazendeiro do ar*, de Fernando Sabino e David Neves,

Confesso que desde criança, tive uma espécie de fascinação inconsciente pela palavra, pela forma visual da palavra; eu gostava muito das letras antes de saber ler e, quando comecei a ler, eu gostava muito de jornais, de revistas; lia aquilo tudo mesmo não compreendendo senão uma parte mínima, mas o aspecto visual das palavras, a forma escrita, o papel com desenho, com riscos, com letras, me causava uma impressão muito forte, de modo que eu acho que tudo que eu fiz em matéria de literatura vem desse primeiro contato com a palavra impressa. (ANDRADE, 1972)

Esse gosto e prazer do autor ao revelar o seu encanto e deslumbre diante da palavra escrita nos remete a conhecer um pouco mais desse artista da palavra que foi se construindo ao longo de décadas de escrita e reescrita, pois, de fato, para Drummond a poesia deve ser feita com palavras pensadas, escolhidas e, nessa construção ele dedicava-se com afinco para transpor para o papel os seus sentimentos, as suas vivências, as suas leituras, o seu fazer poético.

Para Ricoeur (1994), o artesão de palavras não produz coisas, mas somente quase-coisas, inventa o como-se. Nesse sentido, o termo aristotélico mimese é o emblema dessa desconexão, tendo em vista que para o uso de um vocabulário que é hoje o novo, instaura a literariedade da obra literária. (p.76). A escolha das palavras a serem usadas no poema são reveladoras do nível de linguagem que o poeta quer imprimir à sua obra, culta ou coloquial. “Porque um poema se faz com palavras, e não com ideias soltas no ar. É preciso colocá-las no papel com a cola mágica do ato de escrever.” (SORRENTI, 2009, p.37)

Cola que o poeta Drummond utilizava e abusava nos seus poemas, expressando toda a poesia que muitas vezes impregna os nossos ouvidos como: “E agora, José?”; “Eta vida besta meu Deus”; “Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão.” e muitos outros versos, que vez ou outra, nos vemos utilizando nas mais diversas situações comunicativas.

Conhecer o poeta e o seu acervo literário construído nesse caminhar que se inicia na sua inesquecível Itabira, que anos mais tarde, é “apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!” (CDA, Sentimento do mundo, 1940 - NR, 2014, v.1, p.84) e, passo a passo, vai delineando o seu “palmilhar” que não se delimita apenas as fronteiras brasileiras, mas rompe as barreiras universais.

3.1- O EU MULTIFACETADO: UM POUCO DO POETA

Nasceu aos 31 de outubro de 1902, nono filho do casal, Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta de Freitas Drummond, na cidade de Itabira que ficou famosa pelo seu filho ilustre que não esquecia da sua terra natal, contemplando-a com frequência nos seus versos. No entanto, o poeta sonhava com a cidade grande e ficava no impasse “No elevador penso na roça,/na roça penso no elevador.” (ANDRADE, 2013, p. 47 - Explicação).

Montanhas, casas e tipos mineiros, provincianos e urbanos, de infância e adolescência, são carregados afetivamente a tal ponto que a sua simples evocação já traz em si a qualidade lírica. Ao dizê-los, o poeta diz a si mesmo, à sua formação. Falando das origens em Boitempo, Drummond toca na gênese objetiva de sua consciência e poesia retorcidas (a família, o ambiente da tradição decadente, viva e anacrônica a um só tempo, encarnada na fazenda, a vida de província, o caminho da roça ao elevador). (ANDRADE, 2012, p. 95)

Iniciou seus estudos no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito, depois foi para Belo Horizonte estudar como interno no Colégio Arnaldo, mas problemas de saúde o trouxeram de volta para Itabira, onde passou a ter aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.

Em 1918 vai estudar em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, no Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, aluno dedicado que sempre se destacava, chegando mesmo a ser o segundo melhor aluno do colégio, conquistando professores e superiores. Então, é chamado para colaborar no jornal Aurora Colegial, onde tem seu primeiro texto publicado como está posto na sua Biografia “*Os sapatos de Orfeu*”: “Com a alma cheia de fé e de esperança, louvamos a Deus, cuja bondade paternal nos proporciona tantas venturas, e abrimos o nosso coração para que nele penetre a chama do amor divino. Que as nossas preces subam, puras e sinceras, até a azul esfera, para que, no percurso do ano tenhamos a bênção de Deus, protetor dos nossos estudos, dos nossos trabalhos, das nossas esperanças, da nossa vida.” (CANÇADO, 1993, p. 67).

Por ocasião do Natal em família, Drummond confessou à mãe e ao irmão Altivo que talvez não aguentasse mais um ano no Colégio Anchieta, instituição da qual foi expulso por “insubordinação mental” ao discordar de uma observação feita pelo professor de português.

Este incidente foi determinante na sua formação humana, já que perdeu a fé na justiça humana, pois, para ele, receber a nota 4 por “comiseração”, era uma injustiça e, ao se manifestar escrevendo uma carta ao responsável pela nota, foi a gota d’água para a expulsão.

No ano seguinte, 1920, muda-se com a família para Belo Horizonte, onde inicia as suas atividades jornalísticas no “Diário de Minas” e, anos mais tarde, 1922, conhece o amigo Pedro Nava, com quem partilhou muitas peripécias, leituras e poesias.

A poesia está nas ruas, no caminho que leva da solidão infantil, entre mangueiras, roceira e quase idílica, do menino leitor de Robinson Crusoe, protagonista do poema “Infância”, a seu contraponto urbano, o confinamento solitário em meio à multidão do poeta adulto que aparece em “Nota social”. Essa travessia, do campo para a cidade, corresponde, de fato, a um percurso físico e social para Drummond, o descendente da elite de fazendeiros mineiros que troca a pequena Itabira por Belo Horizonte e depois pelo Rio de Janeiro, a capital federal, onde fará carreira no serviço público. (ANDRADE, 2012, p. 91)

Por insistência dos pais, em 1923 ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte, para cursar farmácia, mas não chega a exercer a profissão, pois sua tendência sempre foi para o mundo das letras, das palavras.

Em abril de 1924, conhece o amigo Mário de Andrade a quem dedica o seu primeiro livro e, com quem estabelece uma amizade e troca de cartas com críticas e ensinamentos não só literários, mas de comportamento, como expressa na apresentação do livro “*A lição do amigo*”, destacando os ganhos que esta amizade trouxe:

Estabeleceu-se imediatamente um vínculo afetivo que marcaria em profundidade a minha vida intelectual e moral, constituindo o mais constante, generoso e fecundo estímulo à atividade literária por mim recebida em toda a existência. Isto sem falar no que esta amizade me deu em lições de comportamento humano, desvelos de assistência ao homem tímido e desarvorado, participação carinhosa nos cuidados com a família, expressa em requintes que a memória e a saudade tornaram indeléveis. (ANDRADE, 2015, p.10)

Casa-se com Dolores Dutra de Moraes, em 1925 e passa a lecionar Geografia e Português no Ginásio Sul-Americano em Itabira como forma de prover a família, porém não se sente feliz com essa atividade. Volta para Belo Horizonte e retoma o trabalho no jornal “Diário de Minas”, agora, como redator-chefe. Em 1927, nasce seu primeiro filho, Carlos Flávio, mas morre meia hora depois, por complicações respiratórias. No ano seguinte, nasce sua filha, Maria Julieta, que se tornaria escritora, também é, sua grande amiga, companheira e confidente por toda a vida. Filha única do poeta e mãe de três filhos: Carlos Manuel, Luís Maurício e Pedro Augusto. Netos queridos que alegraram a vida de Drummond, que a cada nascimento ia à Buenos Aires acompanhar de perto a chegada de cada novo membro da família.

No seu livro de estreia, “*Alguma poesia*”(1930), Drummond se apresenta para o mundo como esse ser multifacetado, através do “Poema de sete faces”, composto também de várias camadas, com perspectivas diferentes nas sete estrofes irregulares, com versos livres, sem a presença da rima, assim, o autor vai desconstruindo e reconstruindo recursos tradicionais da composição poética, ao apontar-se como representante do modernismo que desde a década de 20 se desenhava no cenário literário brasileiro. Vejamos o poema de abertura da sua obra inaugural:

POEMA DE SETE FACES

Quando nasci, um anjo torto
desse que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.
Porém meus olhos
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode,

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.
Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

(ANDRADE, NR, 2013, p. 09)

Como o próprio título anuncia, o poema apresenta essa fragmentação em sete faces da personalidade do eu lírico numa oscilação de um eu tímido, desajustado, desde o nascimento, mostra-se tímido, que sai de uma cidade provinciana e agora, solitário, se vê no meio da multidão, na urbe, numa cidade grande que não é cheia de rostos, mas sim, de pernas. O bonde e as pessoas que pouco conversam, ilustram a modernidade, a indiferença, uma vida de

poucos amigos. Para Arrigucci Jr. (2002, p. 36) percebe-se, no entanto, que esse quadro de desencontros está permeado de perplexidade e angústia, misturando-se a sensação de mal-estar à comichão que parece marcar o destino errante do poeta que se apresenta fraco e desajeitado.

Para Cunha, a leitura do livro inaugural de Drummond já dava muitos indícios da dimensão que ganharia a sua poesia e apontava temas que seriam centrais na sua obra e nos quais ele se mostraria quase incomparável: a procura (mesmo cética e inglória) do sentido do mundo, a crítica política, a retrospectiva da infância e da família e, obviamente, o amor. Tudo regado por dois temperos drummondianos: o humor e a ternura. (2006, p. 35-36)

Em 1934, publica seu segundo livro “*Brejo das almas*”, em edição de 200 exemplares, pela cooperativa Os amigos do livro. Nesse mesmo ano, muda-se com Dolores e Maria Julieta para o Rio de Janeiro, onde passa a morar até o dia do seu falecimento. Funcionário público do Ministério da Educação e Saúde Pública, trabalha como chefe de gabinete do Ministro e amigo, Gustavo Capanema. Depois, atuou na diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (PHAN, hoje IPHAN), servindo até 1962, quando se aposentou. Funcionário exemplar e dedicado, como expressa:

É fundamental ressaltar a atuação desse funcionário público: levando ao mais alto grau a sua lealdade e discrição, sempre muito próximo do poder, respeitado e admirado pelos grandes da política, nunca se valeu disso, nem renunciou à sua independência de pensamento e ação. (CUNHA, 2006, p.34)

Sua produção escrita é profícua, ao todo são 19 livros de poesia publicados em vida e 4 de publicação póstuma e 14 livros de prosa: 2 de contos e 12 de crônicas, que ele mesmo selecionou de sua vastíssima produção, sobretudo para jornais e revistas. Como vemos, Carlos Drummond de Andrade, publica não só poesias, mas contos e crônicas, colaborando em revistas e jornais, além de seu trabalho de tradução e publicações internacionais em Madri, Buenos Aires, Portugal, Estados Unidos, Alemanha, México, Cuba, entre outras. Em 1951, publica *Claro enigma*, obra destacada no estudo deste trabalho, que representa um momento muito especial na longa carreira de escritor.

A obsessão do poeta por seus enigmas parece derivar de uma busca igualmente obstinada: a dos *absolutos*. O poeta não quer pouco: quer o amor essencial, o conhecimento essencial, a verdade essencial das experiências. Menos que isso é sempre pouco, sempre insuficiente. Sua personalidade tímida, autodefinida desde o início como a de *gauche* (um ser deslocado, desajustado, desarmado), bate-se contra seus limites subjetivos e os limites objetivos do mundo; em vez das revelações essenciais que sente como necessárias, encontra obstáculos para o afeto e para a consciência, recusas, cifras da matéria insondável, sombra de sentido, símbolos herméticos: os *enigmas*. (VILLAÇA, 2012, p.108)

Segundo Arrigucci Jr. (2002, p. 20), mais do que qualquer outro poeta brasileiro, Drummond nos falou mais de perto, de nós mesmos e de nossa complicada existência, trazendo-nos de uma só vez a poesia misturada do cotidiano, aproximando-nos, com o choque da revelação as grandes questões que abalaram o século XX e nossa desprotegida intimidade individual.

Outro grande amigo do poeta, foi o também poeta, Manuel Bandeira, que tem seus últimos anos registrados no diário de Drummond, contando toda a saga de suas idas e vindas a hospitais, sua relação com Lourdes, seu último romance. A intimidade e confiança estabelecida entre os dois amigos é perceptível nesse trecho:

Hoje pela manhã, Manuel telefonou-me, chamando-me ao apartamento para depois do almoço. Lá chegando, ele (abatido como sempre) pediu-me, como favor, que escrevesse para ele uma carta de resposta ao convite do Poetry Center de N.Y., recebido há tantas semanas. (ANDRADE, 2017, p.106)

São páginas e páginas que foram guardadas por CDA num envelope que confiou à sua filha Maria Julieta, que as identificou com a seguinte inscrição: “*Diário de papai/Família e amigos*”. Nelas, o autor narra situações, contatos, confidências, fotografias, registradas no livro “*Uma forma de saudade*”, publicação organizada por Pedro Augusto Graña Drummond, seu neto.

As últimas obras que publica em vida datam de 1985: “*Amar se aprende amando*” e o “*O observador no escritório*” e de 1986, homenagem que faz ao poeta amigo: “*Bandeira, a vida inteira*”.

Amante da epistolografia, correspondia-se com grandes nomes da literatura brasileira, fortalecendo laços afetivos e cordialmente estabelecendo diálogos e consultas literárias, na busca de aperfeiçoar a sua escrita a partir de ensinamentos e aconselhamentos de amigos que alimentavam mente e coração: “jamais convivi com Mário de Andrade a não ser por meio das cartas que nos escrevíamos” (ANDRADE, 2015, p. 10) e, eram tantas que rendeu um livro “*A lição do amigo*”. Quem o conhecia afirmava que jamais deixou uma correspondência sem resposta.

Quanto à sua correspondência, ela não se fazia apenas com celebridades como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Milton Campos, Cyro dos Anjos. Ao contrário, respondia a todas as cartas recebidas - de parentes, de leitores de todo o Brasil, de amigos de Itabira e Belo Horizonte, cidades das quais não se desligaria, mesmo quando se decidiu a não visitá-las mais. (CUNHA, 2006, p.51)

De 1964 até a morte, em 1987, participou, religiosamente, do “Sabadoye” - reunião de intelectuais no apartamento do bibliófilo, Plínio Doyle - o que se pode considerar uma informal academia de letras – lá eles liam, conversavam, riam, exploravam exemplares de

revistas como *Careta* e *Fon-fon*. As reuniões sempre aconteciam às tardes de sábado, por isso essa nomenclatura foi criada por Raul Bopp para nomear esses encontros.

Em 1987 é homenageado no Carnaval carioca pela Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, que leva para a avenida o enredo “O reino das palavras”, conquistando a vitória nesta festa popular brasileira. No mesmo ano, no mês de agosto, morre a sua filha, Maria Julieta. Fato que o deixa muito abalado e escreve num diário “Assim terminou a vida da pessoa que mais amei neste mundo.” Doze dias depois morre o poeta, de problemas cardíacos. É enterrado ao lado da filha no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro.

Mesmo depois de sua morte, a obra do poeta é disseminada vastamente com publicações, encenações, espetáculos, saraus, gravações, fóruns, feiras literárias, entre outros eventos que são difundidos pelo Brasil afora para homenagear o mestre das palavras. Sua poesia e obras diversas permanecem vivas, pois enquanto houver um leitor que abra o seu livro e leia os seus escritos, sua obra viverá.

3.2- NO REINO DAS PALAVRAS: O OBRA DO POETA

Drummond, poeta modernista e um dos maiores do século XX, tendo em vista que na Coletânea da Editora Objetiva, intitulada *Os cem melhores poemas do século*, nove destes são do autor Itabirano, contemplado nas quatro partes que compõem esta seleção organizada por Ítalo Moriconi (2001). Na primeira parte, Abaixo os puristas, estão: Poema de sete faces; Coração numeroso; No meio do caminho. Nesta parte apresenta poemas das primeiras décadas, com ênfase na “produção dos grandes mestres do primeiro momento modernista” (2001, p. 19-20). Na segunda parte, Educação sentimental, encontramos: Confidência do itabirano; José. Já na terceira parte, O Cânone brasileiro, foram contempladas: A mesa; A máquina do mundo; Evocação mariana. Segundo o organizador desta antologia, nestas duas seções “encontra-se a prova mais viva de que a poesia brasileira em seus momentos mais fortes nada fica a dever a outras grandes poesias do século na mesma época.” (p. 21) E, na quarta parte, intitulada Fragmentos de um discurso vertiginoso, está: A bunda, que engraçada. Esta parte distingue-se das outras por apresentar menor concentração no número de poetas, “abrindo o leque como forma de expressar o caráter mais de aposta que de legitimação definitiva que caracteriza todo ato crítico voltado para a análise da produção contemporânea.” (p. 21).

Analisando a coletânea não encontramos nenhum outro autor que tenha sido mencionado tantas vezes e acompanhado a evolução da poesia ao longo do século XX como o nosso enigmático Drummond, que alcançou esse feito singular, pois longa e produtiva foi a sua carreira, contribuindo significativamente para o cenário literário brasileiro, escrevendo desde 1918, quando em Itabira no jornalzinho Maio, seu irmão Altivo publica o seu poema “Onda”, escrito em prosa, ou mesmo em 1928, quando publica “No meio do caminho” na Revista de Antropofagia, de São Paulo, ou ainda quando, com recursos próprios, lança seu livro de estreia “*Alguma poesia*” com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama e, continua escrevendo, publicando sempre, até 1987, pertinho da sua morte, deixando três obras inéditas: “*O avesso das coisas*”; “*Moça deitada na grama*” e “*O amor natural*”. Sem falar, na obra póstuma, “*Farewell*”, na qual o escritor faz uma despedida ao seu modo, com uma coletânea de 49 poemas, organizados por ele mesmo numa pasta. Esta obra foi publicada em 1996, nove anos depois da sua morte, ganhando no ano seguinte, o Prêmio Jabuti - a mais tradicional premiação literária do Brasil.

O grande artista da palavra nos apresenta, com os seus poemas, o fazer poético como um trabalho de escultor que a cada palavra selecionada vai compondo a sua obra de arte, ao inserir cada escolha aos versos do seu poema, faz o acabamento próprio da sua criação, forma peculiar do poeta com as palavras:

A tarefa primordial do poeta é, pois, entrar sem ruído no “reino das palavras”; é o *respeito* da linguagem que exclui qualquer precipitação no ato de escrever. As palavras não são necessariamente hostis; ao contrário do que se passa em ‘O lutador’, elas não se esquivam sistematicamente ao poeta - aguardam-no, pois, a linguagem “em estado de dicionário” encerra os poemas ‘que esperam ser escritos’. O que o poema diz, e mesmo o que diz calando, obedece a uma lei superior à simples vontade do escritor: a lei da linguagem. (MERQUIOR, 2012, p. 118)

Esse jeito manso, pensado e medido no trato com as palavras para a construção dos versos de forma excepcional abordando temáticas diversas, como as vicissitudes do eu, cenas familiares, dramas cotidianos, poesias sobre poesias, poemas filosóficos, lirismo sociológico. Temas e formas que instauram, gradativamente, a criação de seu estilo próprio, marcado pela autonomia intelectual, com inovações que trazem contribuições importantes para o modernismo e, conseqüentemente para a literatura brasileira, como destaca Merquior:

Drummond traz ao modernismo três conquistas decisivas para o desenvolvimento da literatura brasileira: um realismo social excepcionalmente penetrante, muito acima do lirismo declamatório da poesia engajada; uma poesia *metapoética*, nutrida de uma espécie de reflexão introspectiva da escrita; um lirismo, enfim, de interrogação existencial, preludiando o desenvolvimento do poema filosófico que caracterizará os livros posteriores como o *Claro Enigma*. (MERQUIOR, 2012, p. 171)

Para Ítalo Moriconi (2002, p. 90), *Claro Enigma* não é apenas o melhor livro de poesias do século XX, como também a obra mais exemplar do significado profundo do deslocamento estético e intelectual representado pelo modernismo canônico, por ser palco de todas as conciliações e reconciliações aí dramatizadas.

Para Drummond, escrever é uma atividade que demanda tempo, pois cada palavra precisa ser pensada, bem selecionada para criar o efeito desejado pelo poeta na feitura do poema, atentando para a linguagem, ganhando ares de uma literatura universal, que ganha vida e sentido a cada nova leitura, como postula Barthes:

Como criatura de linguagem, o escritor está sempre envolvido na guerra das facções (dos falares), mas nunca é mais do que um brinquedo, porque a linguagem que o constitui (a escritura) está sempre fora de lugar (atópica); pelo simples efeito da polissemia (estádio rudimentar da escritura), o engajamento guerreiro de uma fala literária é duvidoso desde a origem. (BARTHES, 2015, p.43)

E nesse processo de criação de forma cuidadosa, num trabalho metalinguístico, na perspectiva da linguagem que se volta para a própria linguagem, que inspira e convida o outro a também ser desafiado pelas palavras para a construção de sentido e, porque não dizer, criar seus próprios versos, como na composição “Procura de Poesia”.

Penetra surdamente no reino das palavras
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
há calma e frescura na superfície intata.
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.
Espera que cada um se realize e consuma
com seu poder de palavra
e seu poder de silêncio.
(ANDRADE, 2004, p. 186)

Assim, o autor aceitava o desafio nessa poética construção de sentidos na feitura de seus versos, de forma árdua, demonstrando o poder das palavras e a riqueza desta combinação no universo da linguagem. Essa experiência de criação literária permite a indicação de chaves, que o leitor atento vai desvendando à medida que o autor vai propondo pistas do enigma. Cada chave leva a uma porta que vai alargando o caminho e ampliando os horizontes nesta viagem pelo mundo imaginário e proposto pelo autor, que mais adiante no mesmo poema o autor revela:

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave? (ANDRADE, 2004, p. 187)

Pensando sobre esta chave de leitura que o Drummond faz referência nesse fragmento do poema “Procura de poesia”, nos remete ao caráter enigmático que é uma marca de sua obra, que vai criando labirintos ao longo dos versos para que o leitor atente aos detalhes para desvendar o enigma poético, como postula Sant’anna (2008, p. 265), ao afirmar que o enigma porta em si a essência e a aparência. É um estar não-estando, pois se afirma através do que nega. No entanto, sobretudo, o enigma é uma projeção do homem, animal simbólico, que transfere para o enigma todas as suas contradições.

Assim quando se lê “Eu tropeço no possível, e não desisto de fazer a descoberta do que tem dentro da casca do impossível”, já não se sabe quem está falando, se o menino que vasculhava ninhos, panelas, folhas de bananeiras, ou o poeta maduro com o seu voto permanente de inquirição do mundo. Seja como for, o tempo ficaria em aberto, ainda que ocorresse alguma identificação da matéria buscada: “A coisa que me espera não poderei mostrar a ninguém. Há de ser invisível para todo mundo, menos para mim, que de tanto procurar fiquei com merecimento de achar e direito de esconder”. Intrinsecamente devida a quem a procura, a coisa encontrada continuaria para sempre oculta, como é o modo de ser dos enigmas. Pergunto se não seria esta uma operação básica da poesia de Drummond: intensificar o limite das experiências pessoais e das formas sensíveis para elevar a órbita de uma significação maior, que jamais se revela. Muitos poemas são, de fato, um jogo entre a ironia de uma limitação e a suspeita de algo essencial, um perde-ganha sistemático. (VILLAÇA, 2012, p.116, 118)

O jogo da essência e da aparência na poesia Drummondiana cria um clima de mistério capaz de desafiar o leitor a decifrar o que está posto nas entrelinhas, no não dito, mas que o leitor atento viaja além da aparência na busca da essência, caminhando pelo encantado labirinto poético do enigma que vai se mostrando na pluralidade de possibilidades:

Mas um enigma não chega nunca a ser decifrado, sob o risco de deixar de ser enigma. O autor, então, inscreve seu enigma revelando sua visão epifânica aos demais através de uma estrutura enigmática. Converte-se a obra numa possibilidade que possibilita o impossível. É o gesto que o autor faz encaminhando-se ao encontro de sua visão. É ao mesmo tempo a visão e a parábola da visão. (SANT’ANNA, 2008, p. 274)

Na tentativa da interpretação e o desvelar do enigma, o leitor leva para a leitura todas as suas experiências e conhecimentos prévios, criando um mundo de possibilidades, aperfeiçoando o olhar na descoberta de chaves que o conduzirá neste sinuoso caminho. Percurso que visa despertar a curiosidade e a criatividade na busca de aproximar o leitor da visão imagética do autor, interagindo neste jogo de mostra, esconde na perspectiva de esclarecer o que parece obscuro:

Mas no meio do caminho, súbito, o que era escuro e sombrio se transforma num “claro enigma”. Vai se esclarecendo o mistério mais ainda na medida em que ele se desgarra cada vez mais da superfície, da aparência, do aspecto físico do mundo e empenha-se no conhecimento da essência, em sondar o *noumenos* além do *fenomenos*, indo da *physys* à *meta ta physika*... Pode, então, afirmar que o mundo tal qual se apresenta em sua aparência o aborrece (“*Les événements m’ennuient*”).

Já sabe que o verso é “apenas um arabesco/ em torno do elemento inatingível” (“Fragilidade”) e, pensando a enormidade da tarefa de desvendar o véu do enigma, anota: “Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu/ a vagar, taciturno, entre o talvez e o se”. (SANT’ANNA, 2008, p. 267)

De fato, Drummond deixou um legado único para a escrita, criando inúmeras histórias e versos imortalizados. Conhecer a sua obra ajuda não só a revelar faces menos conhecidas do escritor, mas também reforçar a versatilidade de um gênio genuinamente brasileiro.

Nosso intuito, neste trabalho, é traçar caminhos para que possamos remover pedras do percurso da caminhada do leitor, aluno da EJA II, para que através da poesia do grande representante da Literatura Brasileira, Carlos Drummond de Andrade, possamos despertar o encantamento, a reflexão e o senso crítico através do gênero poema. Assim, promover o letramento literário com a descoberta de chaves de leitura que conduzirá o leitor para a construção de significados, a apropriação da linguagem poética e o aguçar da sua sensibilidade através do texto literário, transformando o que estava obscuro, sem entendimento, num claro enigma.

4. METODOLOGIA

O trabalho aqui proposto, parte da postura interpretativa da abordagem hermenêutica literária de Ricoeur (1994, p. 294), na perspectiva de compreender a obra de Carlos Drummond de Andrade, em especial, *Claro Enigma*, descortinando a potência do texto, descobrindo a riqueza de significados, indo além da superficialidade textual, percebendo que a lógica da pergunta e da resposta ajuda a compreender o diálogo entre o texto do passado e o leitor do presente. Atento, inclusive, para o fato que o texto ganha vida a partir dos significados a ele atribuídos no diálogo, na vivência, no afeto.

O processo de descoberta, nesse caso, não se dá em um objeto inerte, pois um texto só existe à medida que é lido, que seu estado de potência, por assim dizer, é transformado em realidade, por meio de um ato no qual o sujeito tem um papel ativo. (DURÃO, 2020, p. 27)

Para perceber como a turma podia assumir um papel ativo diante do estudo textual proposto, precisaríamos ter ciência de quais habilidades cada aluno já havia consolidado até chegar nesta turma de EJA II - que corresponde ao 4º e 5º ano do 1º segmento, referente aos anos iniciais do ensino fundamental, nosso ponto de partida.

Inicialmente, buscamos conhecer e diagnosticar o nível de conhecimento, individualmente, para que pudéssemos colaborar de maneira efetiva no processo ensino-aprendizagem, percebendo as fortalezas e as dificuldades para a consolidação de saberes referentes à leitura e à escrita, tendo em vista que no Programa Profissional em Letras - PROFLETRAS, somos incentivados a trilhar caminhos de construção e intervenção metodológica para o ensino da língua, na perspectiva de aprimorar as práticas docentes.

Após algumas semanas de reconhecimento e construção da identidade da turma, buscamos traçar um planejamento que viesse de encontro ao letramento, trabalhando práticas de linguagem que constam nas OCPC (2020) - Orientações Curriculares Prioritárias do Ceará - para o Ensino Fundamental, anos iniciais, inspirado no DCRC (2019) - Documento Curricular Referencial do Ceará -, com as devidas adaptações realizadas pelo colegiado de professores da modalidade que atuam no município, tendo em vista que não há uma orientação específica. Nem mesmo na BNCC (2018) - Base Nacional Comum Curricular - a EJA foi contemplada, ficando à mercê da sensibilidade e dos conhecimentos dos profissionais das Secretarias Municipais de Educação e dos professores que atuam na modalidade em sala de aula.

Nesse sentido, para construir o planejamento curricular adequado à turma de EJA II, no que diz respeito ao componente curricular de Língua Portuguesa, contemplamos práticas de linguagem, partindo da análise linguística e semiótica para a construção do sistema alfabético, atentando para a correspondência fonema-grafema, bem como a segmentação de palavras, reconhecendo a separação das palavras, na escrita, por espaços em branco (grande dificuldade detectada na escrita do próprio nome, de quem já o escrevia).

Foi contemplado, também, a leitura e escrita compartilhada e autônoma para a compreensão de textos da vida cotidiana, assim como a escrita de palavras, frases e textos compartilhados de forma colaborativa e produção oral e escrita, no campo da atuação cidadã, considerando a organização textual, a situação comunicativa e o assunto do texto, atentos ao processo de leitura e compreensão não como uma atividade individual, mas como um trabalho coletivo, tendo em vista que,

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade. (MARCUSCHI, 2008, p. 229-230)

Nesse sentido, contemplamos também, no programa curricular da turma a formação do leitor a partir da apreciação de poemas e outros textos versificados, observando rimas, sonoridades, jogos de palavras, expressões, comparações, relacionando-as com sensações e associações e perceber seu pertencimento ao mundo imaginário e sua dimensão de encantamento. Contudo, Durão (2020, p.24) nos chama a atenção para a diversidade textual, “é aconselhável que esta bagagem de leitura seja a mais ampla e diversificada possível”. De comum acordo com a ideia do autor, pretendemos, ao contemplar esse campo artístico-literário, também explorar outros gêneros textuais para que o aluno possa reconhecer o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.

Ler ficção é, duplamente gratificante. Quando entramos em contato com o conhecido, temos a satisfação de encontrar a nós mesmos no próprio texto, num processo rápido de identificação que facilita a acomodação. Na expectativa com o desconhecido, acontece a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. A tensão entre esses dois polos, o agradável conhecido e o estranho desconhecido, patrocina a forma mais efetiva e gratificante de leitura. (AGUIAR, 2013, p. 160).

Apresentar esse universo ficcional e as suas possibilidades de leitura estimula a criatividade, permitindo a inserção em mundos imaginários, expandindo a imaginação do leitor, além de propiciar o desenvolvimento da linguagem, expandindo o vocabulário e o

aperfeiçoamento da escrita, além de estimular o pensamento crítico a partir de questionamentos e análise das informações e ideias apresentadas.

No entanto, o maior objetivo de cada aluno era a escrita do próprio nome, pois muitos não sabiam nem sequer pegar no lápis, outros sabiam escrever, mas de cabeça e, em alguns momentos esquecia letras, outros escreviam como se fosse uma marca, com letras separadas. Apenas uma aluna conseguia escrever seu nome com segurança, mas sem o domínio da leitura. Então, tínhamos um ponto de partida, iniciar pela identificação pessoal, uma possibilidade real de aprendizado, diante do desejo, atendendo o interesse apresentado pela turma, que buscava algo novo, mudar de condição, construir um novo destino.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade. (FREIRE, 1996, p. 52-53)

Escutamos muitas histórias de vida que nos emocionaram e nos levaram a aumentar o nosso grau de comprometimento com a turma, atentando para as suas necessidades. Há aluno que não ia a reunião de pais na escola dos filhos para não ter que assinar com o dedo, para não se expor como analfabeto diante do filho, dos outros pais, do professor e às vezes, da gestão escolar. Outro, andava com a identidade para copiar a assinatura em algum documento, como uma marca, disfarçando, para mostrar saber.

Ouvimos histórias ainda, de um aluno que quer alfabetizar-se para concorrer a candidatura de vereador da sua comunidade, para representá-la oficialmente, pois de fato já o faz, pois é bom de oralidade, expondo com facilidade suas ideias. Outra ainda, quer mostrar ao filho que pode aprender a ler e escrever, pois por muitos anos teve que se prostituir para criá-lo e sustentar a casa. Temos também histórias de domésticas, manicure, costureira, donas de casa, pedreiro e de uma comerciante que não consegue anotar as compras dos fregueses, mas guarda de memória para quando a filha chegar da escola, anotar.

Muitas são as razões e as motivações para romper com a barreira do não saber ler e escrever. Estamos juntos nessa caminhada de conquistas e de ajuda mútua, para que através da literatura, em especial, os poemas drummondianos possam nos trazer essa luz, através da sua poesia atual e universal. Assim, pensamos traçar a metodologia para este trabalho, tendo como foco o processo de alfabetização, tendo em vista as dificuldades e as limitações de cada estudante a respeito do sistema de leitura e escrita da língua materna.

Isso significa que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Nesse processo, é preciso que os estudantes conheçam o alfabeto e a mecânica da

escrita/leitura – processos que visam a que alguém (se) torne alfabetizado, ou seja, consiga “codificar e decodificar” os sons da língua (fonemas) em material gráfico (grafemas ou letras), o que envolve o desenvolvimento de uma consciência fonológica (dos fonemas do português do Brasil e de sua organização em segmentos sonoros maiores como sílabas e palavras) e o conhecimento do alfabeto do português do Brasil em seus vários formatos (letras imprensa e cursiva, maiúsculas e minúsculas), além do estabelecimento de relações grafofônicas entre esses dois sistemas de materialização da língua. (BNCC, 2018, p. 89-90)

Diante desse desafio de construir um plano de alfabetização, devemos ter em vista três relações importantes na construção desse conhecimento, segundo está posto na BNCC (2018, p. 91) e que iremos atentar para cada uma dessas perspectivas propostas, tornando significativo o processo de conquista das habilidades de leitura e escrita. São elas: a) as relações entre a variedade de língua oral falada e a língua escrita (perspectiva sociolinguística); b) os tipos de relações fono-ortográficas do português do Brasil; e c) a estrutura da sílaba do português do Brasil (perspectiva fonológica). Cientes dessas relações linguísticas, montamos então, um planejamento de ação.

Nesse contexto de assumir a alfabetização como foco da ação pedagógica a ser planejada, realizamos algumas atividades na busca de perceber o que os estudantes conseguiram realizar de acordo com as capacidades/habilidades de (de)codificação envolvidas nesse processo, segundo a BNCC (2018, p. 93) e traçar o perfil da turma:

CAPACIDADES /HABILIDADES AVALIADAS	CONSOLIDAÇÃO DOS SABERES		
	SIM	NÃO	EM PROCESSO
Compreende a natureza alfabética do nosso sistema de escrita (diferenças entre escrita e outras formas gráficas, outros sistemas de representação)	11	0	1
Domina as convenções gráficas (letras maiúsculas e minúsculas, cursiva)	4	2	6
Conhece o alfabeto	3	2	7
Domina as relações entre grafemas e fonemas	2	2	8
Escreve o próprio nome	2	1	9
Sabe decodificar palavras e textos escritos	1	6	5
Sabe ler, reconhecendo globalmente as palavras	1	7	4

Quadro 1 - Avaliação inicial da turma de acordo com as capacidades/habilidades da alfabetização

Analisando o quadro acima é perceptível o grande trabalho de alfabetização que teremos pela frente, mas com planejamento e intervenções de acordo com a necessidade de cada estudante poderemos ter êxito nesse processo de construção colaborativa do conhecimento. A vida cotidiana e o contexto de escrita em que estão inseridos, bem como da obra de Carlos Drummond de Andrade, nosso objeto de pesquisa, serão ponto chave para iniciarmos a proposta de despertar a vontade e o gosto por aprender e utilizar nas mais diversas situações comunicativas a nossa língua materna, fazendo uso dos gêneros que são mais próximos do universo do estudante para que este sinta-se familiarizado e fique mais à vontade para caminhar nesse universo do saber e, assim, possa ir avançando na linguística e multissemiótica e possa apropriar-se cada vez mais do nosso sistema de escrita e da construção da habilidade leitora.

Nesse sentido, buscaremos numa abordagem discursiva, a perspectiva de perceber os diversos elementos que compõem o processo hermenêutico: o autor, o texto e o leitor, bem como estar atento às obras escritas pelo autor, descobrindo chaves de leitura que ajudarão na interpretação da obra literária que ganha autonomia a partir da escrita do autor, assumindo uma postura responsiva ativa, defendida por Bakhtin (2016, p. 62). Em muitas das abordagens iniciaremos questionando o porquê do título, ativando os conhecimentos prévios dos alunos e o seu conhecimento de mundo e, em outras, quando estivermos pelo meio do caminho no desvendar do texto nos remeteremos ao título, na medida que possamos perceber a relação entre este e a obra em si, como propõe Costa,

É importante analisar com os alunos o que os títulos podem revelar sobre a leitura antes de realizá-la e, depois, confirmar ou não as hipóteses. Essa primeira conversa também deve compreender as impressões dos alunos sobre o que os textos apresentam. É possível debater também a relação com a leitura, o gosto, as dificuldades, as descobertas. Ocorrendo isso é cabível também a discussão sobre a leitura do texto poético em geral. (COSTA, 2012, p. 128-129)

Então, na tentativa de propiciar a reflexão de cada poema apresentado, buscaremos desenvolver questionamentos que favoreçam a percepção e o adentrar no labirinto de palavras criado pelo autor, por meio do contato com a obra e, o pensar a partir das indagações propostas, bem como outras que possam surgir diante das respostas realizadas pelos alunos, numa busca de não só propiciar a compreensão, mas a construção de interpretações possíveis escondidas nesse claro mas obscuro enigma.

O enigma se escondia atrás da interrogação, remoía a sua semântica, sacudia o seu significado. O enigma se iniciava depois da pergunta, começava onde ela terminava.

Após a sua existência. Depois que uma pergunta é feita (qualquer uma), esperamos ansiosos pela resposta (qualquer uma). Às vezes, a resposta justifica a pergunta, às vezes nos leva para outra questão. E o meu amigo me fazia pensar - não na pergunta em si, mas na necessidade dela. (LAGE, 2013, p. 37)

E, nesse caso, em especial, indagar, instigar e desenvolver planos na busca de encontrar veredas para descobrir a química certa entre o leitor e o autor apresentado, neste caminho de possibilidades da alfabetização, tendo em vista que se trata de uma turma que os alunos ainda buscam o domínio da escrita do próprio nome. Será um caminho desafiante, mas também um caminho de conquistas e de descobertas, descortinando letras, sílabas, palavras, frases, textos, enfim, o sentido da vida.

Sujeitos:

Este trabalho será desenvolvido com alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA II do 1º segmento, relativo ao 4º e 5º anos das séries iniciais do Ensino Fundamental da EEF Padre Vicente Gonçalves Albuquerque, escola da rede municipal, localizada no bairro Campo Velho, na periferia da cidade de Quixadá - Ceará e atende, de acordo com o Censo Escolar 2022, 758 alunos nos turnos manhã, tarde e noite, matriculados no Ensino Fundamental, anos iniciais e anos finais. Destes, 77 são alunos da EJA - Educação de Jovens e Adultos e, entre estes, 12 alunos da EJA II, que fazem parte desta pesquisa.

Essa turma considero um presente na minha lotação 2022, tendo em vista o empenho e a alegria de realizar as atividades propostas, o que facilita e muito o trabalho a ser construído. Os alunos demonstram interesse e vontade de aprender, não medindo esforços para participar e assumir uma postura ativa nesse processo de construção de saberes. No entanto, temos que contar apenas com o tempo que temos destinado às aulas, pois todos os alunos da turma trabalham durante o dia e estudam à noite, o que impossibilita de disponibilizar um tempo para o estudo em casa, sem falar no cansaço que têm de vencer a cada dia para estarem em sala de aula, aprendendo.

Nessa turma, atendemos uma clientela que tem em média 48 -70 anos de idade, mas que sonha em aprender a ler e escrever, sobretudo, a escrita do próprio nome. Uma conquista que será consolidada, diante dos atributos que elencamos anteriormente.

Obra Analisada:

A obra a ser estudada e analisada pela turma para este trabalho é de Carlos Drummond de Andrade. A princípio, seria apenas *Claro Enigma* (ANDRADE, 1951), porém, diante da

nova realidade que nos era apresentada, tivemos que fazer algumas adaptações necessárias, buscando iniciar com poemas menores e que explorassem temas que viessem de encontro aos anseios e perfil da turma. Ao todo, são oito poemas que trazem uma proposta de sequência didática numa abordagem que desperte o letramento literário, na perspectiva de aproximar o aluno do autor e da literatura em si, a partir do gênero lírico.

Talvez como se a literatura precisasse se aproximar do escritor também, numa espécie de eterno ritual de atração e repulsa, desnudar e esconder. Ao pensar nisso, não pude deixar de lembrar de uma passagem numa biografia de Clarice Lispector. Após retornar de uma viagem ao Egito, uma amiga lhe perguntou de brincadeira: "Você decifrou o enigma da pirâmide?" "Não", foi a resposta séria da escritora, que concluiu logo depois: "Mas nem ela me decifrou." (LAGE, 2013, p. 40)

Diante das possibilidades de facilidade ou dificuldades de organizar respostas imediatas do leitor a um texto, pensamos e buscamos selecionar poemas que abordassem temas que suscitasse o debate e a possibilidade de relacioná-los à vida e às experiências da turma, para que através dessa identificação se sentissem mais à vontade para se envolverem, participando mais efetivamente das aulas e das atividades propostas a cada poesia apresentada. Eis os oito poemas escolhidos para este estudo e análise:

- No meio do caminho, (NR, 2013, v.1, p. 22)
- A palavra mágica, (NR, 2014, v.3, p.448)
- Cidadezinha qualquer, (NR, 2013, v.1, p. 30-31)
- Quadrilha, (NR, 2013, v.1, p. 34)
- Dissolução, (CE, 2012, p. 15-16)
- Confissão, (CE, 2012, p. 20)
- Memória, (CE, 2012, p. 26)
- Amar, (CE, 2012, p. 43)

Procedimentos Metodológicos:

Como procedimentos metodológicos para a realização deste trabalho nos fundamentamos na pesquisa-ação defendida por Thiollent (2011), por ser uma estratégia de conhecimento que nos possibilitará a participação efetiva dos alunos no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista que,

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2011, p. 20)

Nesse sentido, organizamos o trabalho em etapas, como está posto a seguir:

A primeira etapa será a seleção do referencial teórico, tendo em vista a leitura, fichamentos e a discussão das obras que fundamentaram toda a proposta.

A segunda fase será a preparação e separação dos poemas, com destaque a obra *Claro enigma* de Carlos Drummond de Andrade que será o corpus da proposta de uma sequência didática para a abordagem em sala de aula.

A cada poema apresentado, pretendemos também destacar uma curiosidade do poeta ou da obra estudada para que aos poucos eles possam conhecer o Drummond para compreender melhor a personalidade, vida e história do autor, tendo em vista que quando conhecemos mais sobre quem estamos lendo, apreciamos de forma mais particular o seu texto, buscando caminhos para interpretar além das palavras, contextualizando sua obra, na tentativa de entender melhor o que o autor deseja expressar, aprimorando assim, as experiências de análise e de leitura.

A etapa seguinte, será a construção e apresentação da sequência didática que tem por objetivo contribuir para o letramento literários dos alunos da EJA II, na perspectiva de buscar despertar a descoberta, o interesse e o gosto pela leitura a partir do descortinar da obra de Drummond, sobretudo poemas da obra *Claro enigma* (1951), numa abordagem hermenêutica, atentando para os 3 níveis da operação mimética: I- fatores anteriores a obra, com referência ao que precede a composição do autor; II- a obra, o pivô da análise, a mimese-criação. É a literariedade da obra; e III- o encontro do mundo da obra com o mundo do leitor, conduzindo do ponto de partida do texto ao ponto de chegada do texto, por seu poder de refiguração. (RICOEUR, 1994, p.77)

Para Ricoeur (1994, p. 59) mimese é “a imitação ou a representação da ação por meio da linguagem métrica”, assim podemos entender que a mimese está na base de qualquer obra poética, e entender seu sentido, seria a descoberta da chave de leitura. O desafio é, pois, o processo concreto pelo qual a configuração textual faz a mediação entre a prefiguração do campo prático e sua refiguração pela recepção da obra. Nesse percurso, o leitor é o operário por excelência que assume a ação de ler e, assim, ele ultrapassa a mimese I, a mimese III, através da mimese II. (p. 86-87)

Nessa perspectiva do letramento literário, pretendemos trabalhar com a sequência básica de Cosson (2021, p. 51-69), seguindo os seguintes passos que serão desenvolvidos na aplicação dessa proposta:

Motivação: De acordo com cada poema abordado pensaremos numa motivação para despertar a atenção do aluno acerca da temática, preparando-os para a recepção da obra a ser lida e interpretada.

Introdução: Apresentaremos o autor e sua obra, bem como o contexto no qual foi produzida, propondo ao aluno que atente para o título e em algumas abordagens, fazer predição, em outras propor algumas dinâmicas na tentativa de despertar o desejo de ler o(os) poema(s) proposto(s).

Leitura: Como se trata de poemas e, na sua maioria, pequenos textos, propomos uma leitura em sala de aula. A princípio, a leitura em voz alta pelo professor, tendo em vista que ainda não têm o domínio da leitura. Num percurso de conquista dessa habilidade literária, propor uma leitura silenciosa, primeiro contato e, depois pode ser lida em voz alta, seja pelo professor, ou por um aluno que se sinta à vontade para fazê-la.

Interpretação: Momento da construção de sentidos pelo leitor em interação com o autor e a obra. Nessa etapa Cosson (2021, p.65), propõe dois momentos: o interior e o exterior. Momentos estes, que serão partilhados na análise dos resultados, como forma didática de expor o processo de construção dos alunos a partir da interação com a obra e o seu criador.

No **momento interior**, o autor propõe como aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra. É o encontro individual do leitor com a obra. Momento ímpar de descoberta, “levando o leitor a se encontrar (ou se perder) em seu labirinto de palavras” (Cosson, 2021, p. 65).

No **momento** seguinte, o **exterior**, é a concretização, a materialização da interpretação. Momento de externalização da leitura, seja de forma oral, em forma de desenho, com uma frase, com um pequeno texto, com uma resenha, enfim são muitas as possibilidades de expressar a construção do sentido criado a partir do poema lido. Nessa etapa, o registro é importante para que o aluno possa externalizar a reflexão de uma forma explícita.

Qualquer obra de arte, não apenas as literárias, tem que ser compreendida no mesmo sentido em que se tem de compreender qualquer outro texto, e esse compreender requer gabarito para tal. Com isso a consciência hermenêutica adquire uma extensão tão abrangente, que ultrapassa a da consciência estética. *A estética deve subordinar-se à hermenêutica.* E este enunciado não se refere meramente à periferia do problema, mas vale antes de tudo para o conteúdo. E, inversamente, a hermenêutica tem de determinar-se, em seu conjunto, de maneira que faça justiça à experiência da arte. A compreensão deve ser entendida como parte da ocorrência de sentido, em que se formula e se realiza o sentido de todo enunciado, tanto dos da arte como dos de qualquer outro gênero de tradição. (GADAMER, 1999, p. 263)

Os momentos proporcionados pela etapa da interpretação vêm de encontro à abordagem hermenêutica, tendo em vista que essas vivências favorecem o letramento literário. Feito esse que enriquece a visão de entendimento, amplia o repertório e aperfeiçoa a experiência leitora do aluno.

Organizada a sequência didática, seguiremos com a aplicação em sala de aula, fazendo as anotações devidas e a composição de um portfólio com as atividades dos alunos que respaldarão as reflexões e a conclusão que chegaremos com a realização deste trabalho.

Temos, então, o intuito de iniciarmos com a apresentação do poeta Carlos Drummond de Andrade e a proposta de conhecermos os poemas do autor, de “No meio do caminho”, de 1928, até chegarmos ao “Amar”, de 1951 e, a partir de cada poema proposto buscar uma motivação ao abordar a temática proposta nas palavras e versos do autor, fazendo uma relação com as experiências vivenciadas pelos alunos, aproximando-os da poesia e do fazer poético, bem como, através dos poemas despertar o gosto e o prazer da descoberta da leitura.

Apresentamos ainda, a cada poema, uma “palavra geradora” - inspiração em Paulo Freire (1967, p. 111) - que nos ajudarão no processo de consolidação da leitura e da escrita, para que os educandos não só compreendam o poema, forme e leia outras palavras e seu uso em situações comunicativas, mas e, sobretudo, perceba a realidade ao seu entorno, para que conquiste não só a leitura de palavras, mas a leitura de mundo, assumindo a condição de sujeito de seu processo de alfabetização, buscando nos poemas e no contexto dos alunos, palavras que nos ajudarão a compor outras, ação fundamental para o aprendizado de uma língua silábica como a nossa.

Nessa perspectiva, o aluno, além de ampliar o seu universo vocabular, rompe os limites do conhecimento, aprendendo mais sobre o seu contexto social, a partir da fala de cada participante e das suas leituras de mundo, que ao interagir com os colegas e o professor, alarga os seus horizontes, o seu olhar sobre o espaço que habita para atuar de forma mais ativa, assumindo a posição de sujeito pensante, tendo em vista que,

o estudo da realidade não se limita à simples coleta de dados e fatos, mas deve, acima de tudo, perceber como o educando sente sua própria realidade superando a simples constatação dos fatos; isso numa atitude de constante investigação dessa realidade. Esse mergulho na vida do educando fará emergir com um conhecimento maior do seu grupo-classe, tendo condições de interagir no processo ajudando-o a definir seu ponto de partida que irá traduzir-se no tema gerador geral. (FEITOSA, 1999, p. 52-53).

Partindo dessa proposta, procuraremos traçar um caminho no qual, o poeta, irá “palmilhar” conosco, essa estrada “pedregosa”, esse percurso “lentamente” até dissipar-se a

“escuridão” do não ler e, então, quando a máquina do mundo “entreabrir-se” e clarear o enigma das habilidades da leitura e da escrita, ela, abrir-se-á “majestosa e circunspecta” nos versos e na poesia Drummondiana.

Eis aqui os poemas e as propostas de Sequências Didáticas apresentadas.

4.1 - PRIMEIRA PROPOSTA: No meio do caminho

Palavra geradora: **caminho**

Tempo destinado a atividade: **2h30min**

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

Motivação: Levar uma pedra consideravelmente grande e colocar no meio da sala para iniciar o poema. Ler o poema em voz alta e pedir que façam relação com a vida, com a caminhada de cada um. Se quiser, pode sugerir que alguém simule topar, ou mesmo encontrar a pedra no meio do caminho e contornar. Refletir com eles (algumas sugestões de motivação para a conversa):

- Em algum momento da minha vida me deparei com alguma pedra no caminho?
- Que obstáculo marcante tive que transpor para chegar até aqui?
- Vencer alguns obstáculos me deixaram mais forte?
- Enfrento os desafios à medida que eles surgem? Ou fujo e não encaro os problemas de frente?
- Pedir que contem histórias de vida que queiram compartilhar com os colegas.

Introdução: Ler novamente o poema, falar um pouco do autor (ver tópico 3.1 - O eu multifacetado) e da obra, que foi publicada a primeira vez no nº 3 da *Revista de Antropofagia*, em 1928, que a princípio não causou “qualquer celeuma” (ARRIGUCCI JR, 2002, p. 68). Mas na década de 30 ao ser publicado no livro *Alguma Poesia*, foi uma polêmica que perdurou por muitos anos. A esse respeito, o autor comenta:

Fui muito ridicularizado quando jovem. O meu poema “No meio do Caminho”, composto de dez versos, repete de propósito sete vezes as palavras “tinha” e “pedra”, e seis vezes as palavras “meio” e “caminho”. Isso foi julgado escandaloso; hoje o poema está traduzido em 17 línguas, (...) Atualmente, a maioria das opiniões é favorável à minha poesia, e direi até que há talvez excesso de benevolência em relação a ela. (ANDRADE, 2004, p.01)

Arrigucci Jr, acredita que tais polêmicas só permitiu que o poema ficasse sendo um dos mais conhecidos de Drummond, pois rompeu com os padrões habituais ao falar de um acontecimento banal como é topar numa pedra. Essa “topada” que parecia insignificante, ganha dimensões, pois além da repetição, a combinação de segmentos, o poder de articulação com o qual o autor tece o seu pensamento poético, esse ritmo de eterno retorno é também o movimento da reflexão que sempre volta para o mesmo ponto, como a uma ideia fixa. E continua, afirmando ser uma narrativa básica - “a do caminhante que se defronta com o obstáculo - situação esta que se converte no drama íntimo de quem se abate diante da barreira.” (2002, p. 72)

Não por acaso o poema pelo qual se tornou conhecido já em sua aproximação com os modernistas foi “No meio do caminho”, em que se encontra a famosa e obstinada repetição: “No meio do caminho tinha uma pedra/tinha uma pedra no meio do caminho” (Alguma poesia, 1930). Convocada para traduzir o sentido dos obstáculos inamovíveis, e assim se prestando a simbolizar o peso e a opacidade de tudo que intercepta nosso caminho, a pedra é o enigma que se fixará para sempre “na vida de minhas retinas tão fatigadas”. O cansaço desse jovem poeta parece um tanto precoce, mas é também profético: a pedra, primeiro enigma, se desdobrará em outras tantas formas que se interporão entre o poeta e seus desejos. Lembremos, no entanto, que o resultado poético dessa interposição, o sentido artístico da aparição de um enigma, representa justamente o feito maior do poeta. Enunciar os enigmas da caminhada é revelar a beleza e o que há de mais humano no íntimo movimento da busca e no drama do desencontro. (VILLAÇA, 2012, p.108)

Para o amigo, Mário de Andrade, com quem trocou cartas até dias antes de sua morte, diz que “o poema é irritante, mas iluminador, um símbolo.”(in ARRIGUCCI JR, 2002, p. 70). O poema, portanto, não representa apenas a pedra de escândalo modernista, como insere o poeta no universo literário, quebrando barreiras do purismo parnasiano.

Conversar um pouco sobre o poema, destacando a polêmica que esta composição causou como curiosidade 01 e, deixar que os alunos expressem o que entenderam e suas indagações.

Interpretação: Solicitar que falem um pouco dos obstáculos vencidos no caminho que cruzaram até aqui. Deixar que todos falem espontaneamente e, em seguida, entregar uma folha de papel e pedir que desenhem um grande obstáculo que conseguiram enfrentar e que tenha o sabor de conquista, de vitória. Senão, um desafio que esteja enfrentando e que vai conseguir vencer. Exposição dos desenhos dos alunos.

Leitura: Com o poema em mãos pedir que destaquem as palavras que conseguem ler. Depois com lápis colorido pedir que circule as palavras repetidas, quantas encontrar. Para que percebam que as palavras são escritas sempre da mesma forma.

Escrever no quadro ou com fichas montar as famílias das sílabas da palavra geradora: **caminho**. Desafiá-los para que em duplas, criem novas palavras com essas famílias e registrem, fazendo uma relação das palavras escritas e, oralmente, construir frases com as palavras formadas, dando sentido às palavras desse enigma da leitura e da escrita, que aos poucos vai se descortinando. Registro no quadro branco, pelo professor, das frases criadas pelos alunos.

Concluir a aula com a leitura do poema, pedindo para que exponham sobre os aprendizados construídos na aula.

4.2 - SEGUNDA PROPOSTA: A palavra mágica

Palavra geradora: **mágica**

Tempo destinado a atividade: **2h30min**

A PALAVRA MÁGICA

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

Motivação: Levar uma caixa com os nomes dos alunos em tarjetas dobradas, pedir que cada aluno pegue uma de forma aleatória e ao sinal, abrir e perceber se conhecem a palavra que têm em mãos. Se não é o seu nome, pedir que procurem ver se encontram com o colega, buscando identificar a escrita do seu nome na tarjeta. Enfatizamos o que está posto no finalzinho do poema: “Procuro sempre, e minha procura/ ficará sendo/ minha palavra.” Para

que palavra mais doce aos nossos ouvidos que o nosso próprio nome? Refletir com eles (algumas sugestões de motivação para a conversa):

- Você gosta do seu nome?
- Queria ser chamado de outra forma? Se sim, que nome gostaria?
- Consegue escrever o nome com facilidade?
- Conhece a história da escolha do seu nome? Deseja compartilhar conosco?

Ouvir as histórias com atenção, valorizando as partilhas e as vivências de cada aluno. Trabalhar a valorização do nome e propor que contem, para a turma, a história do seu nome e, ao final da história, registrá-lo no quadro com o pincel, animando-os com palmas e/ou elogios.

Introdução: Entrega e leitura do poema em voz alta pelo professor. Apreciar e explorar o poema, palavra por palavra, verso por verso, estrofe por estrofe. Destacar o autor e a criação, revelando a cada verso lido do que fala o poema.

Poema que proporciona prazer ao trazer para a obra o cotidiano, remetendo que a senha da vida é ler e dar sentido às palavras que estão adormecidas nos livros até que alguém ao ler, dar vida ao que está escrito, promovendo o desencantar, a beleza de descobrir o que o outro quer dizer a partir da arrumação das palavras.

Mas já aqui, ao abrir-se, sua obra tem a envergadura da grande poesia; manifesta-se a força extraordinária de conhecimento da alma e do mundo - o que não se explica, mas se sente com certa iluminação -, e ao mesmo tempo o reconhecimento problemático, do limite da linguagem, do poder de fogo da própria poesia. (ARRIGUCCI JR, 2002, p. 42).

O autor destaca a boniteza da construção do conhecimento, como uma procura constante, pois o universo do saber se alimenta a cada interação com o outro, com os autores, na busca diária, sem desanimar. Eis a senha da vida, dar sentido, interpretar as palavras do autor, interagindo com a obra, levando para esse diálogo o conhecimento de mundo de cada leitor, para que as palavras ganhem vida e possam saltar do papel, ganhando forma e sentido, para fazer parte desse novo saber desvendado, que não deve ser guardado só para si, mas que deve ser levado aos outros, compartilhado, disseminado.

Ainda, nessa dinâmica da descoberta, o que seria, para os educandos que estão adentrando nesse universo da leitura e da escrita, essa “palavra mágica” e se esse caminho que está sendo construído parece ser o certo para atingir o objetivo desejado, desvendando a cada palavra lida esse enigma que se apresenta a cada novo desafio diário.

Destacar a paixão que o poeta tinha pela palavra escrita, sua contribuição com textos no jornal da escola e os questionamentos com o professor de português, motivos que o

levaram à expulsão do Colégio Anchieta por “insubordinação mental”, como curiosidade 02. (ver p. 32).

Interpretação: Conversar com a turma sobre a importância da leitura e da alegria de organizar as letras, sílabas e formar palavras. Inspirada no trecho “Certa palavra dorme na sombra/ de um livro raro./ Como desencantá-la?/ É a senha da vida/ a senha do mundo./ Vou procurá-la.” Levar livros diversos para que ganhem vida a partir de palavras ou frases lidas. Fazendo-os perceber que só sei o que está escondido no livro, se eu buscar descobrir, eis a mágica da leitura. É interessante perceber como a primeira palavra, a primeira obra lida ou a que conseguimos entender nos marcam de forma singular.

“De vez em quando, ainda procuro esse livro”, contei à minha amiga, “Com a mesma alegria aflita que releio a Lygia Bojunga.” Como se quisesse reencontrar o primeiro namorado, aquele que não me beijava, nem me levava ao cinema, mas que puxava meu cabelo e me dava o seu lanche no recreio, eu queria reencontrar esse livrinho. Folhear as suas páginas, resgatar e eternizar aquela primeira sensação de encantamento. “Já reparou como sempre voltamos aos nossos primeiros livros?”, minha amiga disse. “Relemos mil vezes e releemos até o final de nossas vidas aqueles livros que nos despertaram para a leitura, o nosso primeiro amor.” (LAGE, 2013, p. 98-99).

Pensando nesse primeiro encontro com a leitura, propomos que ao ler o poema e ilustrar, colocasse pertinho do livro a primeira palavra lida e contar como foi esse momento de descoberta.

Animar a turma para não desanimar e buscar sempre novos conhecimentos, como diz na segunda estrofe do poema: “Vou procurá-la a vida inteira/ no mundo todo./ Se tarda o encontro, se não a encontro,/ não desanimo,/ procuro sempre.”, tendo em vista que esta busca é constante e pode ser prazerosa.

Leitura: Ler novamente o poema em voz alta e pedir que identifiquem as palavras que conseguem ler com facilidade. Relacionar a descoberta das palavras por eles ao trabalho do poeta na procura pela palavra certa para dar o sentido desejado ao poema.

A leitura de um poema em voz alta constitui um ótimo recurso para a percepção de suas sonoridades. Por meio de uma leitura atenta, é possível observar que há sons que se parecem com ecos. Um bom poema se organiza num todo que se harmoniza pela cadência rítmica ou alternância entre sílabas fortes e fracas. Os efeitos sonoros e a cadência dão o equilíbrio rítmico ao texto poético. (SORRENTI, 2009, p. 40).

Perceber como os alunos se portam diante dessa leitura e convidá-los a criar duplas ou trios para leitura das palavras que conseguirem e, em seguida, ilustrar o poema. Expor as obras criadas e pedir que falem um pouco sobre a criação. Valorizar as produções dos alunos e suas conquistas.

Destacar a palavra geradora no quadro: **mágica** e, juntos com os alunos, construir as famílias silábicas para facilitar o processo de construção da leitura e da formação de novas palavras.

Atividade com sílabas numeradas e na combinação dos números formar palavras (ver anexo 01). Vivenciar a mágica de desvendar o enigma na aventura de combinar as sílabas para descobrir as palavras propostas. Escolher palavras e formar um pequeno texto coletivo. Registro do texto no quadro branco pelo professor e ao final, pedir que todos escrevam o nome no texto, autenticando a autoria, além de destacar a importância do nome e a contribuição de cada um na produção compartilhada do texto.

Para finalizar, realizar a leitura do poema e do texto criado pelos alunos, sempre motivando-os a ir além, afirmando com precisão, que são capazes, desde que não parem, busquem a cada dia acrescentar um passo nessa caminhada do saber.

4.3 - TERCEIRA PROPOSTA: Cidadezinha qualquer

Palavra geradora: **sonho**

Tempo destinado a atividade: **2h30min**

CIDADEZINHA QUALQUER

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

Motivação: Entregar e ler o poema em voz alta. Levar um quadro vazado ilustrando uma janela e motivá-los a pensar um pouco sobre o que vêm da sua janela e, se tem alguma semelhança com a visão do autor que percebe a vagareza com que as pessoas e os animais se locomovem na sua cidadezinha. Deixar que falem o que vêm de suas janelas, se têm esse costume de observar a cidade e o que passa à sua frente. Após esse compartilhamento de vivência explorar o verso final: “Eta vida besta, meu Deus.” E perguntar se alguma vez já chegaram a essa conclusão. Depois de se expressarem, convidá-los a falar de sonhos, refletindo a partir de algumas inquietações:

- O que quero conquistar?

- Que sonhos vislumbro, observando o mundo da minha janela?
- Acredito na conquista desses sonhos?
- O que faço ou devo fazer para que esses sonhos se concretizem?
- Estou disposto a doar-me e esforçar-me?

Introdução: Falar um pouco sobre o autor e a composição deste poema, colocando-o na sua cidadezinha natal, Itabira, e da sua vontade de sair em busca da concretização de seus sonhos.

Inicialmente chamar a atenção para o título “Cidadezinha qualquer”, mais especificamente ao vocábulo qualquer para que na conversa, percebam que qualquer cidadezinha interiorana pode se encaixar nessa descrição do poeta. Incentivar que falem sobre a percepção que têm da cidade em que vivem e se assemelha à descrita no poema.

Drummond, com poesia expressa o cotidiano de uma cidadezinha do interior e suas riquezas: bananeiras, laranjeiras, pomar. Na estrofe seguinte ressalta a lentidão de como os acontecimentos se sucedem, dando a ideia de que o tempo parece não passar. Destaca ainda, uma característica bem presente no interior do Brasil, personificando a janela que olha, mas esse olhar se dá através da janela que observa o que passa, mostrando certa apatia ante o espetáculo da vida e, conclui num tom jocoso: “Eta vida besta, meu Deus.”

Na juventude, o olhar de Drummond para o tempo lento da tradição, o tempo perdido das fazendas (duplo sentido, vida besta, tediosa e sempre a mesma em movimento, e também a glória e apogeu distantes no tempo), é tenso o olhar de um homem maduro e amargo, apesar do humour, de uma inteligência sensível e analítica, autocrítica e precocemente desencantada. (ANDRADE, 2012, p. 96)

Instigar ainda, para que falem também das suas buscas para a realização de seus sonhos e o que têm feito nesse sentido.

Como curiosidade 03, ressaltar o impasse entre a roça e o elevador - suas origens em Itabira e o seu sonho de escritor na cidade grande. (ver p. 31)

Interpretação: Conversar com a turma sobre aspectos que caracterizam uma cidade pequena e uma cidade grande, percebendo as diferenças, inclusive no modo de vida das pessoas. Perguntar quem já visitou uma capital e o que percebeu de diferente. Deixar que se expressem e motivá-los a participar e fazer essa leitura de mundo tão importante para uma visão crítica do contexto social no qual estão inseridos.

Voltar para o poema e perceber nos detalhes o que nos faz pensar que se trata de uma cidadezinha pequena, interpretando a obra e, relacionando-a às experiências do grupo.

Leitura: Ler novamente o poema em voz alta e pedir que devagarinho tentem ler silenciosamente e, depois, quem quiser se aventurar e ler em voz alta para a turma, sinta-se à vontade para fazê-lo. Em seguida, organizá-los em duplas ou trios para ir desvendando este

universo da leitura. Um ajudando o outro e o professor passando nas duplas motivando-os e orientando-os.

A partir da palavra geradora: **sonho**, construir coletivamente a família silábica para a formação de novas palavras e frases em situações comunicativas para que estas façam sentido. Atentar para a presença de sílaba já estudada, reforçando o aprendizado de sílabas conhecidas para que consigam mais facilmente identificar as palavras, aumentando a sua autonomia e confiança na leitura e na escrita.

Propor, em seguida, que juntos, realizem a criação de um pequeno poema, mostrando a capacidade e o poder criativo do sertanejo, que é também um observador.

Para finalizar, realizar a leitura dos dois poemas: o de Drummond e o criado pela turma.

4.4 - QUARTA PROPOSTA: Quadrilha

Palavra geradora: **amava**

Tempo destinado a atividade: **2h30min**

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi pra os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

Motivação: Aproveitar o momento junino no Ceará que é muito forte para explorar esse poema “Quadrilha”, onde os pares são trocados ao longo da dança e, apresentar a música “Antônio, Pedro e João”, de Alcymar Monteiro, explorando a intertextualidade e aproveitando para fazer a relação com as histórias apresentadas no poema e na canção.

Propor que pensem se já viram situações semelhantes que gostariam de compartilhar com a turma, falando das dificuldades de estabelecer laços nas relações com o outro e também dos desencontros dos sentimentos amorosos. Permitir que se expressem e relatem as experiências e, quem sabe, das suas próprias vivências. Refletir com eles (algumas sugestões de motivação para a conversa):

- Você já viveu história semelhante às contadas nos versos de Drummond ou na música de Alcymar Monteiro?

- Conhece alguém que tenha vivido relação amorosa não correspondida?
- Tem alguma história parecida com a de Lili que não amava ninguém e acaba se casando com alguém inusitado?

Introdução: Ler mais uma vez o poema, ressaltando cada uma das personagens apresentadas pelo autor e o destino de cada uma delas no poema. Falar um pouco do autor e dessa composição em versos livres, numa linguagem coloquial falando do cotidiano das pessoas e seus desencontros amorosos.

Há quem diga que o título foi inspirado na quadrilha, uma dança popular nordestina que ao longo dos passos os dançarinos vão trocando de pares, sem envolvimento, sem compromisso. Os três primeiros versos apresentam amores não correspondidos, menos Lili que parece não estar envolvida emocionalmente com ninguém. Há nessa criação uma confusão de sentimentos, marcada por desencontros sucessivos dessas pessoas que buscavam um amor, no entanto, o ser amado tem o seu sentimento direcionado para outra pessoa que também não o ama.

A dificuldade para que essas relações se concretizem é apresentada com tristeza, nos versos seguintes, pois todos parecem ficar sozinhos, tendo em vista que seguem direções diferentes da que desejavam: uns morrem, outros vão embora, apenas Lili que não amava ninguém consegue estabelecer uma relação com uma pessoa, que pelo nome parece mais uma empresa, um negócio.

O poema mostra-se atual ao abordar a imprevisibilidade da vida diante dos destinos dados aos personagens, um a um e, o distanciamento das relações ao inserir na história alguém que não fazia parte do círculo apresentado, evidenciando o desafio que os indivíduos encontram na vivência de suas relações amorosas, onde o amor verdadeiro parece impossível.

Permitir essas e outras leituras que o aluno possa realizar é estar atento às possibilidades que a literatura nos proporciona enquanto leitores na construção de sentidos a partir de compartilhamentos de visão de mundo, como propõe Cosson,

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentido entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. (COSSON, 2021, p. 27)

Possibilitar essa abertura para escutar a leitura do outro na busca de compreendê-lo, não significa necessariamente que concorde com o que o outro diz, mas é um “gesto

essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto” (COSSON, 2021, p.27), além de enriquecer e alargar o nosso olhar sobre o obra.

Ressaltar como curiosidade 04, que Drummond participava fielmente aos sábados de uma informal academia de letras “Sabadoyle” (ver p. 36), como forma de partilhar leituras e conversas sobre textos com os seus amigos.

Interpretação: Explorar as personagens e pedir que cada aluno interprete uma personagem para vivenciarmos o poema, percebendo as nuances e a dificuldade de se estabelecer laços na relação com o outro, causando muitas vezes a infelicidade por conta de amores não correspondidos. Abordar a importância do cativar e da valorização dos sentimentos na relação a dois.

Escuta dos relatos e das experiências compartilhadas pelos alunos acerca das relações amorosas, desafios, dificuldades e possibilidades.

Leitura: Retomar a leitura do poema e pedir que silenciosamente tentem ler e, na medida do possível, ajudar o colega na construção da habilidade leitora, para juntos, através das trocas de saberes, estabeleça laços a partir das relações de amizade e compartilhamento de saberes com os colegas da turma.

Construção coletiva das famílias silábicas da palavra geradora: **amava**, propiciando momento de reflexão e a construção de novas palavras, relacionando-as em colunas e ao mesmo tempo, propor a criação de frases orais, buscando dar sentido e aplicabilidade às palavras em situações de uso.

Desafiar os alunos para ativar a imaginação e completar os versos do poeta, na perspectiva de permitir a interação com a obra, tentando biografar as personagens citadas no poema, além de perceber as ideias e pensamentos despertados nos educandos:

- a) João foi para os Estados Unidos ...
- b) Tereza foi para o convento ...
- c) Raimundo morreu de desastre ...
- d) Maria ficou para titia ...
- e) Joaquim suicidou-se ...
- f) Lili casou-se com J. Pinto Fernandes ...

Essa atividade de brincar como poema a partir do desencadear da imaginação e criatividade dos alunos colabora para a formação de leitores, um dos objetivos a serem atingidos a partir dessa proposta de trabalho. A esse respeito, frisa Pinheiro:

Partir do poema e criar situações novas imaginariamente e, a seguir, dar uma ordem a essas inovações/descobertas e representá-las constitui uma experiência que pode

favorecer a formação de leitores. à medida que for improvisando, retomar uma fala, um gesto, uma ideia e ampliá-la, articulá-la com outra. Mas não esquecer que se trata de uma brincadeira. O ir e vir, o repetir, o recriar e recriar-se devem se dar de modo alegre, sem cobranças exaustivas, sem a necessidade de público, como se fora teatro. (PINHEIRO, 2018, p.97)

Entregar pedaços de cartolinas, canetinhas e, propor a escrita de um cartão para alguém que deseje expressar seus sentimentos amorosos, demonstrando o seu carinho e apreço por essa pessoa. Lembrar que Drummond gostava muito de enviar cartões às pessoas queridas, principalmente em aniversários, nascimentos de filhos de amigos, enfim.

Se o aluno desejar, deve buscar meios para que o cartão chegue ao destinatário e este sinta o afeto através das palavras e das imagens, despertando, assim, o cativar e a valorização das relações.

O Título do livro *Claro enigma* (1951) traz consigo mais que um paradoxo: indica uma decidida eleição do poeta, que agora (e nos demais livros dessa década: *Fazendeiro do ar*, 1954; e *A vida passada a limpo*, 1959) se dispõe a tratar com centralidade a categoria dos enigmas. Esvaziando o sentido de todo *acontecimento*, como anuncia o verso de Paul Valéry, epígrafe do livro (*Les événements m'ennuient* [os acontecimentos me enfadaram]), sobra a imaterialidade ou impenetrabilidade do mundo como objeto de investigação - e de dissolução. “Dissolução” é o título do poema em que se leem estes versos: “Vazio de quanto amávamos,/mais vasto é o céu[...]”. (VILLAÇA, 2012, p.112-113)

Assim, com as palavras de Villaça, introduzimos as propostas de estudo da obra *Claro enigma*:

4.5 - QUINTA PROPOSTA: Dissolução

Palavra geradora: **cruzados**

Tempo destinado a atividade: **2h30min**

DISSOLUÇÃO

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.
Pois que aprouve ao dia findar,
aceito a noite.
E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.
Braços cruzados.

Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povoações
surgem do vácuo.
Hábito alguma?

E nem destaco minha pele
da confluyente escuridão.
Um fim unânime concentra-se
e pousa no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espírito
que o dia carrega consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destroçada.

Vai durar mil anos, ou
extinguir-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.
E sem alma, corpo, és suave

Motivação: Jogo do claro e do escuro - apagar e acender a luz da sala e refletir sobre a luz e a ausência dela, no ambiente, na vida e na leitura. Buscar perceber que o enigma se revela também pela obscuridade e, assim, apresentar a obra que leremos juntos.

Levar alguns enigmas a serem decifrados, desafiando os alunos para encontrarem a solução (Anexo 02). Solicitar que compartilhem também os enigmas que sabem para que os colegas tentem desvendar. Brincar um pouco com as possibilidades de respostas para que eles percebam a importância do pensar para ativar os conhecimentos que já possuem.

Entregar o poema e dar vida a poesia através da leitura para que apreciem a obra pela sonoridade e composição poética.

Refletir com eles (algumas sugestões de motivação para a conversa):

- Sou uma pessoa passiva e tenho facilidade em aceitar o que me é proposto ou corro atrás do que realmente quero?
- Costumo cruzar os braços diante das dificuldades ou busco conquistar meus sonhos?
- Tenho o hábito de calar-me diante do que não concordo ou expesso o meu pensamento, mesmo diferente do que esperam?

Deixá-los à vontade para que contem um pouco de suas vivências, compartilhando os aprendizados na interação com o outro. Despertar para a escuta e o respeito a história do colega, pois as experiências ampliam as possibilidades de percepção da realidade, como também de leitura.

Introdução: Ler mais uma vez o poema, falando do processo de composição do autor, convidando-os a destacar algo que tenha chamado a sua atenção durante a leitura e que pudesse exprimir em palavras o seu pensamento.

Drummond apresenta um mundo em dissolução que com a chegada desordenada da modernidade, há uma deterioração de costumes, apresentando uma visão nada otimista diante da realidade vivida, sem encontrar espaço nesse contexto que habita, demonstrando um certo desencanto, pela incapacidade de intervir no mundo a sua volta.

Revela uma certa perda de esperança por não perceber-se enquanto sujeito ativo, que sem alma e sem corpo, torna-se suave, que num gesto de liberdade, opta por livrar-se dessa alma atormentada.

Para evidenciar a curiosidade 05, (ver p. 32) falar sobre a sua formação em farmácia por insistência dos pais, mas que não chegou a exercer porque a sua verdadeira vocação estava ligada às palavras, à escrita.

Interpretação: Caso não toquem no assunto, pode-se sugerir temas como passividade e aceitação ou o inverso dessas ações. Provocá-los a pensar, a buscar caminhos, a se expressar por meios da oralidade, expondo suas ideias, destacando o que pode perceber do poema e se concorda com a posição do autor nesse poema.

Leitura: Decifrar os enigmas propostos, dando ênfase a importância da luz para clarear os pensamentos, as pistas. Construindo frases e pequenos textos que serão registrados nos cadernos pelas duplas de estudo. Pedir aos alunos que ao concluir seu enigma, troque com o do colega para ampliar os repertórios a partir dos desafios apresentados, não só pelo professor, mas também pelos colegas, instigando-os a curiosidade e a inquietação diante do desconhecido, como destaca Freire:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 1996, p. 32).

Em seguida, apresentar a palavra geradora: **cruzados e**, juntos construir as famílias que ajudarão a compor novas palavras, percebendo a presença de uma sílaba complexa e como esta pode colaborar em novas leituras. Chamar a atenção para a marcação do plural, na sílaba final e, juntamente com a turma, brincar um pouco com as palavras colocando o s no final e, pronunciá-las. Relação das palavras formadas, registrando no portfólio, e a cada criação, buscar contextualizar em situações comunicativas para que cada palavra faça sentido.

Concluindo essa aula, propor a criação de um pequeno texto autônomo completando a frase: Não devo cruzar os braços...

Em duplas, socializar seus registros e motivar o colega para que busque aquilo que acredita.

4.6 - SEXTA PROPOSTA: Confissão

Palavra geradora: **palavras**

Tempo destinado a atividade: **2h30min**

CONFISSÃO

Não amei bastante meu semelhante,
não catei o verme nem curei a sarna.
Só proferi algumas palavras,
melodiosas, tarde, ao voltar da festa.

Dei sem dar e beijei sem beijo.
(Cego é talvez quem esconde os olhos
embaixo do catre.) e na meia-luz
tesouros fanam-se, os mais excelentes.

Do que restou, como compor um homem
e tudo o que ele implica de suave,
de concordâncias vegetais, murmúrios
de riso, entrega, amor e piedade?

Não amei bastante sequer a mim mesmo,
contudo próximo. Não amei ninguém.
Salvo aquele pássaro - vinha azul e doido -
que se esfacelou na asa do avião.

Motivação: Com a música *Epitáfio* da Banda Titãs, iniciar a motivação da aula, relacionando canção e poesia numa abordagem intertextual, a partir do título confissão. Propor que lembrem de algumas coisas que poderiam ter feito e não fizeram, mas que ainda dá tempo de fazer, sem esperar o momento de escrever no epitáfio, mas aqui e agora, decidir viver e buscar conquistar momentos felizes. Lembrar de fatos e situações que te deixam feliz e que é possível de acontecer a partir de uma tomada de decisão.

Ler o poema e propor algumas reflexões à turma:

- Tenho algo que deveria ter feito e não fiz? Ainda dá tempo de realizar?
- Do que me arrependo de não ter feito?
- Amo o meu semelhante como pede Jesus?
- Precisei, em algum momento, fingir sentimentos na troca de afetos com o outro?
- O que eu amo verdadeiramente?

Conduzir a conversa deixando-os à vontade para que partilhem suas reflexões, o estar no mundo e dele fazer parte, estabelecendo relações ou não com o outro. As experiências de um enriquecem o olhar do outro.

Introdução: O fato do eu lírico confessar sua falta de solidariedade, de piedade e de não ter amado ninguém, nem sequer o mais próximo, ele mesmo. Assume ter dissimulado sentimentos e beijos, revelando um vazio existencial, porém diz ter amado apenas o pássaro que voava livre, mas foi suprimido pela máquina de guerra.

Essa busca pela essência é bem presente em toda obra *Claro Enigma* em que o autor analisa em boa parte dos poemas o estar no mundo, o fazer parte do mundo, sua impotência diante do mundo. Para Sorrenti (2009), todos nós em algum momento de nossas vidas, já experimentamos algo que poderíamos chamar de sentimento poético. Porém, é interessante reconhecer que a manifestação escrita de um sentimento, muitas vezes feita às pressas, não constitui ainda uma poesia propriamente dita, mas pode ser o meu ponto de partida. (p. 33).

Evidenciar como curiosidade 06, a importância da família e sua composição, bem como o seu carinho especial pela filha, Maria Julieta. (ver p. 33).

Interpretação: Explorar o porquê do título “confissão”, percebendo o que o autor deseja confessar, assumir ao propor esses versos. Conversar sobre a angústia de não ter conseguido amar o próximo como nos pede os mandamentos da igreja, de precisar fingir na troca de afetos.

Perceber as nuances contidas nessa poesia e relacionar às vivências sociais, percebendo como as pessoas se relacionam, como o uso do celular tem fortalecido ou enfraquecido as interações com o outro ou se tem substituído o olhar, o contato.

Leitura: Ler novamente o poema, percebendo se as leituras condizem com as ideias do autor e escrever ao lado algo que deveria ter feito e não fez. Partilhar os registros com os colegas.

Pedir que a turma possa, oralmente, expressar o que os deixa felizes e se o que está posto é possível de acontecer a partir de uma tomada de decisão.

Apresentar **palavras** como o vocábulo gerador e juntos escrever as famílias silábicas formando e estudando a composição das palavras. Organizá-los em duplas para que possam, de forma compartilhada, construir novos vocábulos a partir das sílabas já estudadas. Relembrar o uso do s final como marcação de plural na palavra geradora e pedir que os alunos citem outras para exemplificar e consolidar esse conhecimento. Propor que a cada palavra criada, veja uma situação de uso para que ela tenha um sentido e o aprendizado possa

promover prazer à medida que os alunos se percebam protagonistas do conhecimento e ainda aprendam em comunhão com o colega, compartilhando histórias e saberes.

Pensar em algo que deveria ter feito e acabou deixando escapar ou acreditou que aquele não era o momento e que agora percebe que deveria ter feito. Propor a escrita de um post-it com essa confissão e colar num lugar estratégico para que seja visualizado, caso queira e acredite que possa ser realizado ou dar outro destino desejado: rasgar, entregar, guardar, enfim.

Finalizar este momento com a socialização das confissões de quem desejar partilhar.

4.7 - SÉTIMA PROPOSTA: Memória

Palavra geradora: **coração**

Tempo destinado a atividade: **2h30min**

MEMÓRIA

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Motivação: Com a canção de Nelson Ned - *Mas tudo passa, tudo passará*, pensar no que realmente ficou eternizado na sua memória e como tem convivido com isso, pois as boas lembranças, devem ser guardadas, partilhadas para serem contadas aos filhos e netos como parte de sua história, da história da família - o seu legado.

Se foram ruins, buscar um aprendizado para não se equivocar novamente, repetindo esse sofrimento. Também conte, de cabeça erguida, mas como aprendizado. Se quiserem partilhar alguns desses momentos, permita que os alunos o façam.

Nesse contexto, propor a reflexão de algumas questões, como:

- O que já deixou o seu coração confundido?
- Já sofreu alguma perda amorosa? Como foi?

- Que coisas findas, eternizei na minha memória?

Conversar sobre essas questões, “puxando” pela memória e como esta registra os acontecimentos.

Introdução: Poema que retrata uma perda amorosa, no qual o autor suscita que só se ama depois que perde. Tema que parece conversar com o último verso do poema “Perguntas” (2012, p. 89), também do livro *Claro Enigma*: “Amar, depois de perder.”

O poeta segue falando da impossibilidade de esquecer tal perda, mesmo diante de tantos apelos do não, mesmo que seja sem sentido, é inútil, não se esquece. Prossegue falando de algo que não sente mais, que não toca, que não sente na “palma da mão”. Um tocar que já não acontece mais.

E, para finalizar, espera-se, normalmente, que as coisas findas acabem, mas Drummond contraria esse pensamento ao afirmar que as coisas findas, “estas ficarão” registradas, como se estivesse remetendo-se ao título, na “memória” e lá ficarão guardadas, mesmo querendo esquecer.

Após as leituras e olhares despertados pelo poema “Memória”, destacar a grande homenagem que recebeu em vida ao ser homenageado pela escola de samba Estação Primeira de Mangueira, levando para a avenida o desfile “O reino das palavras”, que rendeu-lhe o título de campeã do carnaval carioca naquele ano. Esta é a curiosidade 07 (ver p. 36).

Interpretação: Motivar os alunos para que falem de algumas memórias: positivas e negativas, destacando como lidam com estas memórias, refletindo se o título ajuda na interpretação do poema.

Pensar na situação proposta pelo poeta e, se na vida real essa situação é possível: só descobrir o amor depois da sua perda. Instigar para que os alunos expressem a sua opinião concordando ou discordando da ideia do autor. Abrir espaço para o debate, tendo em vista que “é preciso privilegiar o debate, sobretudo, por ser um instrumento democrático, por ser um momento de todos revelarem, se quiserem, seus pontos de vista, suas discordâncias, certos de que não estão sendo avaliados.” (PINHEIRO, 2018, p. 78).

Leitura: Retomar a leitura do poema e brincar de realizar essa leitura dividindo as estrofes em duplas e chamar atenção para a palavra final de cada estrofe: todas terminadas em “ão”. Brincar de rimar para que os alunos vejam a rima como um recurso do qual o poeta lança mão para dar sonoridade à sua poesia.

Apresentar a palavra geradora: **coração** e propor a construção de outras palavras a partir das sílabas estudadas, ampliando o repertório vocabular e as possibilidades de leitura.

Listar uma relação de coisas e sentimentos eternizados na memória. De um lado o que foi positivo, foi crescimento. Do outro, o que não foi tão bom, mas que serviu de aprendizado para a vida. Se desejar, pode compartilhar com o colega do lado.

4.8 - OITAVA PRIMEIRA PROPOSTA: Amar

Palavra geradora: **criatura**

Tempo destinado a atividade: **2h30min**

AMAR

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o amar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho,
e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidias ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

Motivação: Levar para a turma cartões com figurinhas do álbum “Amar é...”. As ilustrações podem ser encontradas no link: [amar é figurinhas](#). Pedir que leiam o que tem no cartãozinho e criar outra frase a partir da motivação: Amar é...

Entregar o poema aos alunos e realizar a leitura. Relacionar a poesia aos amores vividos e, se sentir vontade, compartilhar a sua história de amor com os colegas.

Suscitar algumas questões para reflexão com a turma:

- Você já amou verdadeiramente alguém?
- Como se sentiu ao amar alguém?
- Esse amor foi correspondido?
- Você acredita que devemos amar sempre?

Permitir que os alunos socializem as suas reflexões e escutem os relatos dos colegas.

Introdução: Poema drummondiano de uma infinita poesia contida em cada palavra que envolve e irradia de sentimentos o leitor, que é convidado, apesar de tudo, a amar, tendo em vista que o eu lírico apresenta-se sem saída diante do sentimento do amor, pois em qualquer situação só lhe resta amar.

Traz a proposta de que o ser humano é naturalmente amoroso e tem facilidade para amar. Amar até mesmo o inóspito, o áspero, um vaso sem flor. Simplesmente amar. Amar mesmo se for decepcionado diante da ingratidão, do fracasso, amar.

“Amar a nossa falta mesma de amar”, nessa busca constante, nessa procura infinita para saciar a ausência, o vazio, marcado pelo sofrimento, pela desilusão.

Enfocar aqui a curiosidade 08 (ver p. 33) evidenciando a amizade com o poeta Mário de Andrade e as correspondências que trocaram ao longo de anos, o que mais tarde, deu nome e conteúdo à obra, *A lição do amigo*.

Interpretação: Solicitar que os alunos destaquem o verso do poema que chamou mais a atenção e, se desejar, expressar o porquê.

Destacar o amor como uma condição humana, como está posto no poema e se eles concordam com essa proposta do poeta.

Leitura: Retomar o poema em duplas para que os alunos realizem a leitura e conversem sobre o tema amar. Cada aluno é convidado a elencar pessoas e coisas que ama.

Propor a escrita de uma carta para a pessoa amada expressando o seu amor e a sua vontade de estar junto do ser amado. Confeccionar envelopes para que eles possam preencher o remetente e o destinatário, para que a mesma chegue ao destino desejado.

Destacar aqui a carta como o meio de comunicação mais utilizado por Drummond para conversar com os amigos e apresentar seus escritos, pedindo, inclusive, a opinião acerca do que ia publicar ou de livros já publicados. Para demonstrar seu apreço pelas cartas recebidas, reuniu uma coletânea das suas correspondências com Mário de Andrade e em 1982 publicou num livro, *A Lição do amigo*, outro amante desse gênero textual que usava com frequência para se comunicar com os demais amigos.

5. ANÁLISE DO CAMINHO PERCORRIDO

Este capítulo dedica-se à análise e discussão do corpus, o qual é composto por dois momentos de interpretação: **momento interior** e **momento exterior**, citados anteriormente, na metodologia, mas que retomaremos aqui como forma de propormos um cenário de construção do “Letramento Literário”, proposto por Cosson, 2021, ao afirmar que “a interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social” (COSSON, p. 65). E, continua referendando o momento exterior como forma de registro da interpretação, tendo em vista que “O importante é que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizar essa reflexão de forma explícita, permitindo o estabelecimento do diálogo entre os leitores da comunidade escolar.” (p. 68)

Nesse sentido, buscaremos descrever esses dois momentos essenciais da interpretação, bem como os resultados das interações do leitor com fatores anteriores a obra, a obra em si e, o encontro do mundo da obra com o mundo do leitor em busca de encontrar chaves de leitura que proporcionarão uma interpretação capaz de descortinar o que está encoberto, trazendo à luz o que está escondido, numa abordagem hermenêutica epistemológica, defendida por Ricoeur (1994), a partir do encontro do ouvinte/leitor com o texto, pois “o prazer de aprender é, com efeito, o primeiro componente do prazer do texto.”(p. 81).

Aqui consta a análise e descrição dos poemas trabalhados com os alunos, como foi a nossa proposta de pesquisa.

PRIMEIRA PROPOSTA: “No meio do caminho”

Momento interior

Inicialmente os alunos estranharam a presença daquela grande pedra no ambiente da sala de aula, porém quando disse o título do poema a ser estudado “No meio do caminho” e apresentei o poeta que nos conduziria com as suas palavras e versos, contando um pouco da sua história, bem como a sua paixão pelas palavras, aproveitando para enfatizar a nossa proposta de trabalho, percebi que ficaram animados e querendo saber do que se tratava o poema.

Para aguçar ainda mais a curiosidade, destacamos a polêmica acerca desse poema inicial e o quanto isso só tornou o poeta mais conhecido ao ser discutido e analisado por vários críticos literários e pesquisadores, ainda hoje. Chamando assim, a atenção para o poema com o qual adentramos nos caminhos drummondianos.

Como ainda não têm o domínio da leitura e da escrita. Recitamos o poema, depois lemos mais pausadamente e desafiamo-os a refletir sobre que pedras encontraram pelo caminho, destacando que valor deram/dão a essas pedras. Pedimos, ainda, que pensassem em grandes pedras que “atrapalharam” a caminhada até aqui, que não permitiram que chegassem até os bancos escolares para desvendar o enigma da leitura e da escrita. Deixamo-os à vontade para que compartilhassem suas histórias de vida.

Momento exterior

Então, começaram a elencar: trabalho desde muito cedo, companheiro que criava obstáculos, nascimento dos filhos, compromissos estes que os afastaram dos estudos e que agora, desejam e demonstram dedicação e empenho para que essa conquista aconteça de fato, vencendo o desânimo e as barreiras do recomeço.

Pedimos que desenhassem as pedras que encontraram pelo meio do caminho e que conseguiram transpor, vencendo os obstáculos. Em seguida, realizamos a exposição dos desenhos com a socialização do que estava posto e o que representava aquela situação ilustrada.

Uma fala nos chamou bastante a atenção, quando uma das alunas colocou como pedra no caminho, a voz de um vizinho que ao vê-la dirigindo-se à escola com caderno e livros na mão perguntou: “O que vai fazer na escola, cavalo velho não aprende a ler”. Achamos forte essa fala, no entanto, algumas outras colegas dizem passar por situação semelhante, mas que pela determinação e força de vontade desejam mostrar que são capazes e que irão alcançar o objetivo desejado: aprender a ler e a escrever.

Nesse sentido, desafiamo-os a encontrar na poesia algumas palavras. Pensamos em iniciar com as palavras repetidas: meio, caminho, tinha, pedra, para que percebessem a regularidade da escrita. Assim, com lápis colorido pedimos que destacassem meio, todas elas. Em seguida, riscar pedra, todas as pedras. Num terceiro momento, grifar caminho, todos eles e, por fim, com um retângulo, destacar a palavra tinha, quantas encontrassem. Depois no quadro, destacamos essas palavras e juntos, fomos construirmos as famílias silábicas da palavra estudada: **caminho** e solicitamos que registrassem no caderno.

Fomos pensando e formando palavras a partir dessas famílias e de outras estudadas anteriormente. Juntos fomos construindo, descobrindo e realizando os registros: cada, cama, medo, dia, tia, minha, meu, ... e, a cada palavra formada buscamos o significado, aplicando em situações comunicativas, para dar sentido à palavra escrita e, em seguida, realizamos a criação de frases oralmente, que foram registradas pelo professor no quadro branco.

Este é o registro de algumas frases criadas pelos alunos, atentando para a sua realidade, percebendo-se como sujeito nesse processo de construção da escrita (ver anexo 03):

- Cada pedra no caminho precisa ser retirada.
- Quero uma cama quentinha para dormir.
- Medo não combina comigo.
- Não perco um dia de aula.
- Sou tia de muitos sobrinhos bonitos.
- Minha vontade de aprender a ler é grande.
- Meu sonho vai se realizar: vou aprender a ler.

Encerramos a aula com o pedido de mais uma leitura da poesia de Drummond, destacando os aprendizados da noite, como forma de avaliar a vivência e percebemos que a vontade de não desistir, nem desanimar estava presente nas falas. Sentimos que o autor caiu no gosto da turma.

SEGUNDA PROPOSTA: A palavra mágica

Momento interior

Com uma caixa bem bonita e contendo o nome de cada um dos alunos, iniciamos a motivação para a poesia que seria apresentada naquela noite: “A palavra mágica”. Então, ao abrir a caixa, pedimos que cada um pegasse uma tarjeta que ainda estava dobrada e, guardasse, que ao sinal seria lida e feita a devida identificação. Por coincidência, uma aluna tirou o próprio nome e se surpreendeu ao vê-lo escrito e anunciou que era o seu nome. Os outros alunos também abriram as tarjetas, mas não era o nome esperado. Nesse momento, pedimos que fossem na carteira dos outros colegas para ver se conseguiam encontrar seu próprio nome e conseguiram.

Numa aula anterior ouvimos o relato de uma das alunas que se negava a ir a reunião de pais por ter que assinar a frequência da reunião, pois não sabia assinar seu nome e tinha que

colocar a assinatura com a digital. Dizia achar aquela situação humilhante. Então, pensamos em dar um enfoque especial para que conseguíssemos o mais rápido possível dominar a escrita do nome, uma conquista celebrada pela turma toda a cada um que conseguia consolidar esse saber (uns foram mais rápidos e outros demorou mais um pouco, mas todos atingiram o objetivo desejado fechando com êxito o 1º semestre).

Apresentamos a poesia a ser estudada com a recitação do poema e pedimos que pensassem qual a palavra mágica que nos identifica como pessoas únicas, ressaltando a importância da nossa identidade: o nosso próprio nome. Foi uma forma de motivá-los para que não desistissem e não perdessem o foco.

Destacamos a curiosidade 02, frisando o encantamento que Drummond tinha com as palavras desde cedo, contribuindo, inclusive, com o jornal da escola, onde publicava seus textos iniciais e, como ele refletia e questionava os conhecimentos para buscar entender e, por conta disso, causou a sua expulsão da instituição. O nosso intuito com esse momento é aproximar os estudantes do autor para que eles possam, a cada aula, conhecer mais sobre o poeta e a sua obra.

Momento exterior

Questionamos se aquela poderia ser a sua palavra mágica e todos concordaram que sim e, perguntei se já conseguiam escrever o nome com facilidade e se estavam dispostos a conversar sobre a história do seu nome e ouvir os colegas. Ao sinal positivo, nos dispomos num momento de escuta e, à medida que as histórias iam sendo apresentadas, se dirigiam ao quadro para a escrita do nome e eram aplaudidos e elogiados pelos colegas que também foram importantes para esse processo de valorização e identificação pessoal, social e cidadã.

Exploramos o poema palavra por palavra, verso por verso, estrofe por estrofe. Destacamos o autor e sua criação, desvendando o que fala o poema e o que seria essa palavra mágica e questionamos se estávamos no caminho certo para a conquista dessa mágica, desse desvendar do enigma escondido em cada livro fechado, mas que ao abrir-se, ganha vida na mão do leitor que decifra e dar sentido às palavras ali postas. Pedimos que ilustrassem o poema e escrevessem a primeira palavra lida e como tinha sido esse processo, essa descoberta. Realizar a exposição dos desenhos e motivá-los a expressar o que ilustraram, valorizando as produções e o esforço de cada um e deixá-los livres para apreciar e socializar os desenhos e as histórias.

Um dos alunos contou emocionado que a primeira palavra lida foi DIA, ajudado pela filha que ao assistirem juntos a um programa de televisão, no intervalo passou essa palavra e

ele começou a se esforçar, juntando as letras e a filha observando as suas tentativas o ajudou na leitura daquela palavra. Confessou com lágrimas nos olhos que nunca mais esqueceu aquele momento que para ele foi valioso.

Levamos livros diversos para que os alunos explorassem, folheando-os e buscando palavras que conseguissem ler. Foi um momento de maravilhamento e descoberta, pois todos, mesmo que palavras simples, conseguiram ler alguma palavra e outros até frases, mesmo com ajuda. A mágica da leitura estava lançada e a vontade de aprender e a curiosidade de buscar dar vida às palavras escondidas e mortas dentro de um livro fechado invadiu a turma que na ajuda mútua buscavam juntar as sílabas, as palavras e dar sentido ao que liam. Eis a mágica da leitura. Destacamos a palavra motivadora no quadro: **mágica** e juntos construímos as famílias silábicas e formamos novas palavras.

Realizamos a leitura novamente do poema na íntegra e pedimos que em duplas ou trios, identificassem as palavras que conseguissem ler com facilidade. Relacionar as palavras destacadas por eles ao trabalho do poeta em busca da palavra certa, para dar o sentido desejado ao poema. Leitura e registro no caderno das palavras descobertas.

Propomos uma atividade com sílabas numeradas e na combinação dos números formar palavras, para que vivenciassem a mágica de desvendar o enigma na aventura de combinar as sílabas para descobrir as palavras propostas. Escolhemos algumas palavras e formamos coletivamente um pequeno texto que foi registrado no quadro branco pelo professor e assinado por cada um, identificando a autoria na produção do texto compartilhado. Este foi o texto produzido pela turma (ver anexo 04):

“Meu nome é uma **palavra mágica** que já sei escrever. Foi um grande presente para a **minha vida** e dos meus colegas. Não vou esquecer de sempre **procurar desencantar** e dar **vida** às **palavras** que **dormem** dentro dos **livros**.”

Para concluir a aula, realizamos a leitura do poema e do texto criado pelos alunos, parabenizando-os pela criatividade e vontade de aprender. Aproveitamos para reafirmarmos o nosso compromisso, a nossa meta: **ler e escrever até o final do ano**.

TERCEIRA PROPOSTA: "Cidadezinha Qualquer"

Momento interior

Entregamos o poema “Cidadezinha qualquer” e pedimos a atenção para que pudessem captar a mensagem do autor. Levamos um quadro vazado que ilustrava uma janela, motivando-os a pensar um pouco sobre o que vêm da sua janela ou da sua calçada e, se tem

alguma semelhança com a visão do autor que percebe a vagareza com que as pessoas e os animais se locomovem na sua cidadezinha.

Inspirados na vontade do autor de ultrapassar os limites da sua cidadezinha Itabira, instigamos os alunos para que eles pensassem nos seus sonhos, nos seus desejos e, se algum já havia sido realizado.

Destacamos a curiosidade dessa aula, relatando o impasse vivido pelo autor entre a roça e o elevador: na sua cidadezinha tinha a vida mansa, tranquila, compartilhando do afeto e da proximidade familiar de seus pais e irmãos. Por outro lado, sabia que era na cidade grande que teria maiores oportunidades de expandir sua poesia e propostas de trabalho. Para instigar, questionamos: Se Drummond tivesse ficado em Itabira, será que a sua poesia teria a mesma visibilidade que tem hoje? Os alunos que estavam na sala disseram que não, pois no interior os artistas muitas vezes não são reconhecidos e, que mesmo diante da saudade e da distância ele fez a escolha certa.

Momento exterior

Conversamos um pouco sobre o autor e a composição deste poema, destacando a sua cidadezinha, Itabira do Mato Dentro- MG, e da sua vontade de sair da sua terra natal em busca da concretização de seus sonhos. Deixamos a palavra facultada para que também falassem das suas buscas para a realização de seus sonhos e, ouvimos algumas histórias bem interessantes como da aluna que sonhava vir para a cidade para “chupar picolé”, pois onde morava não tinha energia elétrica.

Deixamos que falassem o que vêm de suas janelas ou calçadas e, se têm o costume de observar a cidade em que vivem e o seu entorno. Após esse momento de socialização de vivências, chamamos a atenção para o verso final: “Eta vida besta, meu Deus.” E, perguntamos se alguma vez já pensaram assim. Alguns disseram que sim e outros que nunca tinham pensado nessa possibilidade. Afirmaram gostar da vida na cidade em que vivem, que para eles não parece pequena, pois alguns migraram do sertão e acabaram se adaptando à vida na cidade.

Em seguida, ao serem questionados se têm sonhos a serem realizados e se estes podem ser realizados aqui mesmo, na cidade em que vivem. Alguns disseram até que pensaram em buscar outra vida na cidade grande, mas já ouviram muitas histórias de sofrimentos, de ir e não conseguir mais voltar por não ter o dinheiro, sequer da passagem para retornar à sua terra natal. “É melhor ir ficando por aqui e aprender a viver com o pouco que tem.”, afirmava

outro e, “Voltei para meu filho estudar medicina na UFC. Sonho dele, também o meu. Ver meu filho doutor.”, dizia outra.

Dialogamos com a turma sobre aspectos que diferenciam uma cidade pequena de uma cidade grande, destacando, sobretudo, o modo de vida das pessoas. Ao perguntarmos se alguém já havia visitado uma capital e pudesse relatar para nós essas diferenças, uma aluna que havia morado por 30 anos em São Paulo, foi logo elencando algumas peculiaridades da cidade grande como a correria, a falta de tempo, a distância entre casa e trabalho, o uso de transportes coletivos, a indiferença entre as pessoas, enfim, concluiu sua fala dizendo gostar muito mais da vida na cidade pequena pelo aconchego, amizade e uma vida mais tranquila. Os colegas concordaram com ela e afirmam não ter pretensão de sair da cidade em que vivem, por se identificar e gostar das pessoas.

Muitos falaram do sonho de formar os filhos, de vê-los numa universidade e, se não, pelo menos que eles concluam o ensino médio, oferecendo-lhes uma vida diferente da sua, por acreditar que a educação é o caminho para transformar a realidade em que vivem. Ressaltaram também o sonho de poder estudar, frequentar uma escola, para dar orgulho à família, mostrando que ainda podem aprender, que querem realmente ler “para poder ler na igreja”, para não ter que se fazer de desentendida quando alguém no mercantil lhe pede para ler algo. Enfim, muitas foram as histórias, demonstrando a vontade de conquistar as habilidades de leitura e de escrita como sonho mais próximo de ser realizado, demonstrando esforço e interesse em fazer com que esse sonho possa se tornar realidade.

Deixamos que se expressassem motivando-os a participarem deste momento, compartilhando as suas leituras de mundo e ampliando os seus horizontes e perspectivas, percebendo-se como sujeito da sua própria história, capaz de fazer escolhas e persegui-las para que seus sonhos se realizem.

Retomamos o poema para percebermos os detalhes, o que nos faz pensar que se trata de uma cidadezinha pequena, interpretando a obra, relacionando-a às experiências do grupo.

Solicitamos que devagarinho tentassem ler silenciosamente e, se alguém desejasse, ler em voz alta para a turma, podia fazê-lo. Foi emocionante ver a aluna lendo e mostrando para a turma que estávamos no caminho certo, os resultados estavam chegando. Quando a aluna terminou, a turma aplaudiu a colega e a si, pois perceberam que ler agora, era só uma questão de tempo. Em seguida, nos organizamos em duplas e trios para aos poucos, irem também, desvendando este universo da leitura, enquanto passávamos motivando-os e orientando-os, quando necessário.

Convidamos os alunos ao estudo da palavra geradora: **sonho**, para juntos, construirmos as famílias silábicas e formar novas palavras, tendo em vista que há a presença de sílabas já estudadas o que facilita o processo e novas composições. Propomos, ainda, um grande desafio: juntos criarmos um pequeno poema, ressignificando a obra do autor e ressaltando a nossa beleza de cidade turística (**ver anexo 05**).

Vou contar para vocês
um pouco do meu sertão,
aqui tem tranquilidade
e muita diversão.

Tem o Cedro, um grande açude
galinha choca e muita emoção.
Praças, igrejas e santuário
Aqui no Ceará, centro da região.

Tenho muitos amigos,
que trago no coração,
e uma grande vontade
de aprender a lição.

Ler muitas palavras nos livros
e escrever meu nome com paixão
Realizar esse sonho
É tudo que quero como opção.

Concluímos, realizando a leitura dos dois poemas: o de Drummond e o criado pela turma. Eles ficaram muito animados com a criação realizada, sem acreditar no que haviam realizado juntos. Foi um momento lindo de celebração e alegria.

QUARTA PROPOSTA: “Quadrilha”

Momento interior

Partindo do momento junino, realizamos o estudo do poema “Quadrilha”, com a representação da troca de pares com a música "Antônio, Pedro e João", de Alcymar Monteiro, fazendo relação com as histórias apresentadas no poema e na canção. Foi um momento bem divertido, pois os alunos se dispuseram a dançar e brincar um pouco com a música, dramatizando a canção. Ao propor a reflexão sobre os títulos das duas obras, foi falado, inclusive, sobre um triângulo amoroso, percebendo que fazia sentido os títulos propostos.

Pensando nas situações semelhantes às que foram ouvidas e as que gostariam de partilhar com a turma, ressaltaram as dificuldades de estabelecer laços nas relações com o outro e também dos desencontros dos sentimentos amorosos, deixando-os se expressarem de

forma espontânea para contar as experiências nesse sentido. Muitas histórias foram suscitadas, algumas pessoais e outras, de amigos ou vizinhos que também viveram histórias parecidas.

A curiosidade desta aula foi o destaque para o “Sabadoyle”, evento literário que o autor participava fielmente aos sábados, para conversar, ler e conviver com os amigos, falando de literatura, poesia e amenidades. Os alunos perceberam a importância desse momento de convivência e leitura como forma de trocar e construir saberes, bem como fortalecer laços de amizade, tendo a leitura como ponto de convergência.

Momento exterior

Após o diálogo sobre as relações não correspondidas e dos desencontros das personagens do poema estudado, bem como da fuga da noiva abordada na canção, passamos para o momento de escuta das histórias que os alunos gostariam de partilhar, conversando com a obra, relacionando-a com a sua realidade, as suas vivências, tendo em vista que,

O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário. (COSSON, 2021, p. 27)

Uma história que impactou a turma ao ser partilhada foi a de uma pessoa que depois de ter dois filhos com o companheiro, descobriu que ele era casado e tinha outra família numa cidade vizinha, mas que continuou com ele, pois afinal de contas, era o pai de seus filhos e o provedor da casa. Outras histórias de desencontros e amores não correspondidos foram partilhadas no grupo. Inclusive a vida de uma prostituta que tinha que se relacionar com vários homens, mas sem nenhum envolvimento sentimental, apenas a satisfação individual de quem buscava seus serviços e para ela, o sustento do filho. As histórias contadas provocaram em alguns momentos risos, mas em outros choro, sobretudo quando se tratava de histórias vividas.

Lemos mais uma vez o poema, destacando cada uma das personagens apresentadas pelo autor e o destino de cada uma delas na obra, dramatizando também o poema. Ao falar do autor, é interessante atentar que os alunos demonstram gostar das composições de Drummond e das poesias trabalhadas até agora, principalmente, por falar de maneira simples e de coisas do cotidiano, abordando temas que geram uma certa identificação e intimidade com a obra.

Percebemos com o poema e com as vivências partilhadas que nem sempre é fácil estabelecer laços na relação com o outro, o que causa muitas vezes a infelicidade e a falta de amor. Uma aluna lembra que nem sempre é desamor, mas acredita que sempre há “uma tampa para a panela”, que os encontros também acontecem. Escutar os relatos e as experiências

compartilhadas pelos alunos, desperta a atenção e o respeito à história do outro, valorizando suas vivências e experiências, além de fortalecer os laços da turma.

Após o entendimento e compreensão do que se tratava o texto, pedimos que silenciosamente lessem e procurassem ajudar o colega nessa construção da habilidade leitora, para juntos, através dessa troca significativa de saberes, aperfeiçoassem suas leituras, com a descoberta de novas palavras, criando novos sentidos.

Construímos juntos as famílias silábicas da palavra geradora: **amava**, atentando para o significado e tempo verbal no qual a palavra estava escrita, bem como a presença de sílabas já estudadas. Propomos a construção de novas palavras, relacionando-as em colunas e ao mesmo tempo, propomos a criação de frases orais, buscando dar sentido e aplicabilidade às palavras formadas.

Propomos a brincadeira de interagir com a obra, criando justificativas para o destino das personagens do poema, completando as frases do poeta e construindo biografias para cada uma delas. Cada aluno dizia uma coisa de acordo com a sua perspectiva de mundo (ver anexo 06). Foi um momento rico e bem descontraído, deixando que a fruição e a imaginação ganhassem asas nessa construção textual.

Entregamos pedaços de cartolinas, canetinhas e, propomos a escrita de um cartão para alguém que o aluno tenha o desejo de expressar seus sentimentos amorosos, demonstrando o seu carinho e apreço por essa pessoa. Deixamos cada aluno à vontade para levar seu cartão e buscar um meio de chegar às mãos do destinatário ou não.

QUINTA PROPOSTA: "Dissolução"

Momento interior

Para retomarmos o estudo de Drummond, trouxemos o documentário *Fazendeiro do ar*, de Fernando Sabino e David Neves, lançado no ano de 1972, em comemoração aos 70 anos do autor. Neste vídeo o poeta está bem descontraído, rindo com os amigos, contando um pouco da sua história. Aparece numa brincadeira de mostra esconde por trás das colunas, atitude bem dele, inclusive na obra estudada: *Claro Enigma*.

Com o poema “Dissolução” iniciamos o estudo da obra, trazendo todo o universo do mostra/esconde, do claro/escuro, utilizando a analogia do acender e apagar as luzes da sala como forma de demonstrar a importância da luz para clarear os pensamentos, as pistas. Apresentamos alguns enigmas para que, em duplas, buscassem a solução, decifrando-os e pedimos aos alunos que também lembrassem de alguns enigmas e desafiassem os colegas para

buscar a solução. Apenas um aluno conseguiu esse feito propondo: “O que que cai em pé e corre deitado?” “O que fica no meio da rua com as pernas para cima?”. A turma gostou, mas só conseguiram a resposta da primeira. Da segunda, ele teve que dar algumas dicas, inclusive escrever a palavra no quadro para facilitar.

As duplas foram expondo as suas conclusões e desvendando os enigmas que apresentamos, além de tentarem resolver os propostos pelo colega que os desafiava. Foi um momento de descobertas e trocas de conhecimentos a partir da curiosidade que foi despertada na tentativa de encontrar a solução.

Aproveitamos este momento para relacionar esse entendimento à interpretação da poesia, procurando a cada verso escrito pelo autor, ler nas entrelinhas, buscando pistas/chaves de leituras a cada poema a ser estudado na obra proposta.

Então, apresentamos o poema “Dissolução” que abre o livro *Claro enigma* para debater assuntos como passividade e aceitação, de acordo com as ideias que foram surgindo fomos conversando sobre a atuação de cada pessoa diante do mundo e da postura que pode assumir diante dos problemas e dos acontecimentos da vida.

Salientamos na quinta curiosidade, o fato do autor ter cursado farmácia por insistência dos pais, mas que jamais atuou na profissão, tendo em vista que seus sonhos eram bem maiores, queria apresentar para o mundo a sua poesia, a sua forma de conceber o universo a sua volta com arte e maestria, por meio da palavra

Os alunos gostaram de ouvir essa informação e disseram que muitas vezes fazemos o mesmo com os filhos, por querer que eles tenham melhores oportunidades e possibilidades de escolha, sem precisar trabalhar em casa de família ou mesmo na roça.

Momento exterior

Os alunos destacaram questões como depressão, angústia, falta de comida, falta de oportunidades o que muitas vezes provoca esse sentimento de desânimo, de desencanto, de desesperança. No entanto, demonstram em suas falas a consciência de que o caminho é não desenganar, mas reagir e mostrar-se forte diante das adversidades.

Na conversa, um aluno cantou esse trecho que acreditamos ser bem pertinente ao que discutíamos: “Reconhece a queda e não desanima, levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima.” - canção de Paulo Vanzolini, conhecida na voz de Jorge Aragão e Beth Carvalho. Trecho que animou os colegas, pois essa frase veio fechar com chave de ouro, surgindo como resposta aos nossos anseios.

Retomamos o poema e nos detemos ao verso “Braços cruzados” e fomos conversando sobre o porquê de não cruzar os braços. Fomos registrando no quadro branco os motivos de cada aluno para que pudessem também registrar em suas atividades. Neste momento, um foi animando o outro e até lembrando fatos, pois há duas alunas que são vizinhas e, alguns outros, são conhecidos.

Aos poucos, os alunos foram expondo momentos de suas vidas que cruzar os braços parecia a opção mais fácil, mas não era a mais apropriada, pois uns precisavam pensar nos filhos, outros na família, ou ainda no sustento da casa, enfim, momentos significativos e importantes da vida que os impulsionaram a buscar caminhos/ocupação para solucionar os problemas.

Cada dupla de alunos ficou com uma estrofe para destacar o que entendeu do trecho lido ou uma palavra que chamou a atenção. Paravam em algumas palavras que sentiam dificuldade, mas a vontade e a certeza do que queriam fazer, não permitia desanimar e os colegas foram ajudando.

Escrevemos a palavra geradora no quadro: **cruzados** e, juntos, construímos as famílias para compor novas formações. Chamamos a atenção para a presença de uma sílaba complexa e como esta poderá ajudar na criação de outras palavras, propomos o jogo do plural a partir da marcação do s na sílaba final de cruzados, citando outras palavras que estão no plural, inclusive citando objetos disponíveis na sala de aula.

Registro das palavras criadas, buscando a cada formação, contextualizar com exemplos em situações de uso para que cada palavra faça sentido, tornando o processo ensino-aprendizagem significativo para os educandos ao aproximar conhecimento e realidade.

Concluimos esta aula, propondo a criação de um pequeno texto individual completando a frase: Não devo cruzar os braços...

Foi surpreendente a produção dos alunos que a partir da motivação das discussões se sentiram instigados a passar para o papel suas ideias para nas duplas socializar os seus registros, motivando o colega na realização dos desejos. (Ver anexo 07).

SEXTA PROPOSTA: "Confissão"

Momento interior

Com a música *Epitáfio* da Banda Titãs, iniciamos a aula, relacionando canção e poesia a partir do tema confissão. Realizamos a leitura do poema para percebermos a beleza da composição dos versos de Drummond, explorando a intertextualidade e a poesia contida

nas duas composições, pois comungamos com as ideias de Pinheiro ao afirmar que “lançar mão dessas canções, aliada a poemas que não foram musicados, estimula a apreciação estética e a percepção de aproximações e distanciamentos entre as duas formas de poesia.”(2018, p.55).

Pedimos que lembrassem de alguns momentos da vida que poderiam ter feito algo e não o fizeram, mas que ainda podem fazê-lo, principalmente em relação a amar o semelhante. Realizamos uma tempestade de ideias com os questionamentos propostos que desencadearam muitas falas e suscitaram muitas confissões para a composição de uma nuvem de palavras.

A curiosidade 06, falamos do apreço de Drummond pela família, em especial pela filha, Maria Julieta, que tinha um lugar especial no coração do autor. Mesmo sem gostar de viajar, ele ia para Buenos Aires, onde morava a filha, a cada nascimento dos netos e, em outras ocasiões, para conviver com a sua querida e única herdeira. Com o falecimento dela, que perdeu a luta contra o câncer, ele confessa para amigos, ainda no cemitério, não ter mais razão para viver. E morreu, doze dias depois.

Os estudantes acharam emocionante a história de amor paternal que o poeta nutria pela a filha. Alguns destacaram também, que visitaram o youtube e digitando letra por letra, para buscarem outros vídeos do autor. Sinal que a curiosidade está sendo despertada.

Momento exterior

Nas falas dos alunos foi destacado o amor ao próximo, sobretudo, ao mais necessitado: aquele vizinho que não tem o que comer, não tem como alimentar os filhos; aquele pai que está na rua, humilhando-se ao pedir esmola para levar o alimento para casa; aquela pessoa que está do nosso lado e muitas vezes não somos compreensivos, não amamos, apenas nos acostumamos.

Ouvimos duas vertentes: a de que amar o outro muitas vezes não é fácil, pelo fato de não ser educado para amar o que acaba provocando o distanciamento entre as pessoas. Mas também escutamos falas que destacavam o amor e a vivência do amar no cotidiano, através do cuidado e do afeto.

Exploramos o poema iniciando pelo título “confissão”, fazendo algumas reflexões e o que o poeta assumia ao propor cada verso, atentando para as nuances dessa poesia e relacionamos às relações sociais estabelecidas, sobretudo a partir do uso do celular. Nesse momento, alguns confessaram até não gostar desse objeto e alguns, diziam que facilitava e muito a comunicação pelo uso da ferramenta do áudio e da chamada de vídeo.

Propomos mais uma leitura do poema de forma silenciosa ou com a ajuda do colega. Solicitamos que ao realizar a leitura anotassem ao lado algo que deveria ter feito e não fizeram e, em seguida, socializar os registros com os colegas. Alguns chegaram até a ilustrar. (Ver anexo 08)

Escutamos muitas coisas que os deixavam felizes, desde o ir para a escola, escrever seu nome, ler algumas palavras, o jantar da escola, a amizade dos professores. Ao percebermos que estavam falando só da escola, pedimos que pensassem em casa, nos filhos, no cônjuge, nos familiares, no trabalho... Então começaram: o cuidado com os filhos, ter a casa própria, formar uma família, ter comida no prato, um abraço, ...

Apresentamos a palavra geradora da noite: **palavras** e escrevemos as famílias silábicas formando e estudando os vocábulos, bem como as frases criadas pelas duplas organizadas para realizar esta atividade. Retomamos o conceito de plural chamando a atenção para “palavras”, escrita no plural, e percebemos que este conhecimento já estava consolidado a partir dos exemplos que eles foram citando.

Esta turma tem um bom relacionamento e gosta de se ajudar o que facilita e muito o processo ensino-aprendizagem, tendo em vista que eles estão abertos ao conhecimento e favorecem o clima de estudo e da troca de saberes.

Pedimos que pensassem em algo que deveriam ter feito, mas acabou não acontecendo para registrar no post-it essa confissão e colarem num lugar estratégico que possa ser visualizado para que percebam que sempre podemos recomeçar, quando queremos. Foi um momento muito interessante, pois eles se sentiram à vontade para falar, até mesmo o “nosso vereador” confessou que o seu sonho está bem perto de ser realizado.

Foi uma aula muito gratificante, pois eles se envolveram na atividade de escrita, pedindo ajuda nas palavras que sentiam dificuldade, desenharam, pintaram. Foi bem divertido poder participar com eles desse momento.

SÉTIMA PROPOSTA: "Memória"

Momento interior

Apresentamos a canção de Nelson Ned - *Mas tudo passa, tudo passará*, instigando os alunos a pensarem no que realmente ficou eternizado na sua memória, rememorando as boas lembranças, deixando-as guardadas num cantinho especial para contarem aos filhos e netos parte de sua história, para que eles também possam guardar e valorizar o legado da família.

Pedimos que pensassem ainda nos acontecimentos que não foram tão bons para que vissem como um aprendizado valioso para a vida e, se será lembrado ou não, cabe a cada um fazer essa escolha.

Na sétima curiosidade, evidenciamos o destaque e a grandeza da obra de Drummond, motivo pelo qual foi homenageado pela escola de samba Mangueira, que levou para a Avenida Sapucaí todo o encanto da poesia, sob o título “O reino das palavras” que rendeu a escola o título de campeã do Carnaval em 1987, ano também da morte do autor. No mesmo instante, um pegou o celular e foi atrás do desfile e mostrou para a turma. A cada aula vamos buscando conhecer um pouco mais sobre o autor e a sua trajetória de homem e escritor.

Momento exterior

Refletimos e partilhamos alguns momentos valiosos, de alegrias, nascimentos de filhos, conquista da casa própria, compra de uma máquina de costura, o primeiro salário, enfim. Mas também trouxeram à tona sofrimentos, perdas e muito sacrifício, como o trabalho na roça e em casas de prostituição. Inclusive destacaram a violência doméstica como algo presente que não dava para esquecer. Esse momento foi forte, pois quando uma falou, todas as outras também se encorajaram dizendo ter essa vivência de agressão. O primeiro passo foi dado: a coragem de tocar nessa ferida e falar abertamente sobre essas dores. Mas outros passos devem vir em seguida, como a denúncia e a busca por ajuda adequada. Entre elas, apenas duas disseram sentir-se respeitadas pelo companheiro. Foi também um momento de apoio e ajuda mútua, inclusive dos senhores que estavam presentes.

Retomamos o texto, deixando-os à vontade para expressar como lidam com essas memórias, sobretudo as negativas. Refletimos como o título ajudou na interpretação, dando uma ideia do que se tratava o poema, motivo de muitas emoções para a turma que além de ser uma temática que suscitou o desencadear de acontecimentos que precisam ser conversados e resolvidos, gostaram também da sonoridade dos versos: “São curtos, mas falam muito.”(Falou um aluno).

Abordamos a possibilidade de só se descobrir o amor depois da perda da pessoa amada e a concordância a respeito dessa ideia do autor, foi unânime, chegaram mesmo a ilustrar até com histórias reais, nomeando as personagens, para dar ênfase a essa afirmativa.

Retomamos o poema para brincar de rima, tendo em vista que toda estrofe terminava com a palavra final “ão”: coração, não, mão, ficarão. Brincamos lembrando de outras palavras com “ão”, para formarmos frases e estrofes com rimas. Foi bem divertido, um falava uma palavra, outro complementava e surgiram rimas como estas:

Quanto amor guardado
no peito
meu irmão.

É tanta lembrança
guardada,
muita emoção.

Apresentamos também a palavra geradora: **coração** e propomos a construção de novas palavras, novas frases, ampliando assim, o repertório vocabular e aprimorando a habilidade leitora dos educandos a cada nova proposta apresentada.

Montamos um quadro para registrar os sentimentos eternizados na memória; de um lado, relacionamos lembranças positivas e do outro, relacionamos o que não foi tão bom, mas que fazem parte da história de cada indivíduo. (ver anexo 09)

No dia seguinte a esta aula um aluno disse que gostou tanto do poema que ficou com os versos desorganizados vindo na cabeça em “flashes” e falou para si mesmo: “pois eu vou aprender, eu quero aprender” e recitou com desenvoltura e poesia o poema para a turma, que o aplaudiu e elogiou a iniciativa.

OITAVA PROPOSTA: "Amar"

Momento interior

Entregamos a cada aluno um cartão com figurinhas do álbum “Amar é...”, para adentrar na temática do poema, pedindo para que lessem o que tinha no cartãozinho e, a partir da frase “Amar é..., criar outra frase, o que em alguns casos eles criaram mais de uma, pois se empolgaram e apreciaram os cartões pelas imagens e pelas frases, demonstrando gostar da brincadeira. Aproveitamos para reportar ao título da obra para que eles percebam que essa parte do texto tem importância fundamental na composição.

Entregamos o poema aos alunos para realizarem a leitura silenciosa, quem já consegue com facilidade e, quem não, destacar o que consegue ler e, ao concluir, solicitamos que comentassem sobre o que retrata o poema. A fala foi unânime: amor.

Momento exterior

Diante da percepção dos alunos, pedimos que relacionassem a poesia aos amores vividos, compartilhando com os colegas a sua história de amor. Foram momentos de risos, partilhas, declarações e também, de arrependimentos pelo sofrimento sentido. No entanto, alguns disseram, assim como o poeta, que não desistem de amar.

Solicitamos aos alunos que destacassem o verso do poema que mais chamou a atenção, para que lessem e se desejassem, compartilhassem com os colegas o porquê, além de conversar com o poeta demonstrando concordância ou discordância sobre a abordagem do autor.

Retomamos o poema, através de uma leitura em duplas para que os alunos juntos com os colegas buscassem conversar sobre o tema amar. Pedimos, em seguida, que eles elencassem pessoas e coisas que amam. Percebemos que eles amavam mais pessoas do que coisas.

Propomos a escrita de uma carta para a pessoa amada para que eles aproveitassem e expressassem o amor sentido e a vontade de estar junto do ser amado. Confeccionamos envelopes para que eles pudessem preencher o remetente e o destinatário, na perspectiva de fazer chegar ao destino desejado, bem como atentar para esse meio de comunicação que está em desuso (ver anexo 09).

Destacamos esse gênero textual e ressaltamos a curiosidade nº 8 de Drummond que diz respeito ao uso da carta como meio de comunicação para conversar com os amigos e familiares. Levamos a obra *A Lição do amigo* (1982), na qual ele publica as cartas que recebia de Mário de Andrade em respostas às suas, para ler um trecho e tentar motivá-los a escrever.

Carlos, você me desculpe esta demora, me desculpe todas as demoras, me desculpe sempre. Sua carta carecia de resposta rápida por boa educação (agradecer o artigo de você) e o que é muito mais importante, por psicologia. Não vê que você me pede opinião sobre uma coisa começada. Nesses pedidos a gente quer pressa e eu parecido com não-me-incomodando, não respondi. Se eu tivesse tempo para escrever cartas como se faz na França, cartas pra depois da morte os amigos publicarem, havia de mandar uma para você sobre o que sou, o que faço e o que penso agora. dava um assunto bonito que esta minha vida é vê uma sororoca do Amazonas. (...) E depois, Drummond, quando a gente se liga assim numa amizade verdadeira tão bonita, é gostoso ficar junto do amigo, largado, inteirinho nu. As almas são árvores. De vez em quando uma folha da minha vai avoando poisar nas raízes da de você. Que sirva de adubo generoso. Com as folhas da sua, lhe garanto que cresço também. Mário (ANDRADE, 2015, p. 51-55)

Nesse trecho parecia que Mário de Andrade estava prevendo que suas cartas iriam ser publicadas pelo amigo, tendo em vista a grande valia de seus escritos pelos conhecimentos literários contidos e da grande amizade que foi alimentada a cada carta trocada. Drummond relutou muito em publicar, tendo em vista que Mário “repugnava a divulgação de cartas escritas no abandono da confidência ou mesmo para simples tratamento de assuntos imediatos”. No entanto, na apresentação do livro, Drummond, ressalta que “a obediência implicaria sonegação de documentos de inegável significação para a história literária do Brasil.” (ANDRADE, p. 11) E, diante de outras publicações de cartas do amigo por outros

escritores, inclusive em 1958, Manuel Bandeira realizou a publicação de suas missivas, sentiu-se também no direito de fazê-lo, o que para nós leitores, foi um presente.

Das vivências desses oito poemas, organizamos alguns quadros sínteses. No entanto, é interessante atentar para o seguinte dado: a turma é formada por 12 alunos, mas só foram consultados os alunos presentes e, portanto, os que participaram da atividade.

POEMA TRABALHADO	IDENTIFICAÇÃO COM A OBRA		
	Gostou muito	Gostou	Não gostou
No meio do caminho	8	2	-
A palavra mágica	3	4	-
Cidadezinha qualquer	4	4	-
Quadrilha	10	2	-
Dissolução	6	1	-
Confissão	5	4	-
Memória	7	3	-
Amar	6	3	-

Quadro 2 - Identificação com a obra trabalhada

Como podemos perceber, no quadro 2, os alunos demonstraram gostar das aulas e das atividades propostas a cada poema apresentado a partir de uma sequência didática que organizava as atividades de forma que além de ler, conhecer e brincar, também tínhamos os momentos de registros para que leitura e escrita andassem lado a lado na construção e consolidação do processo de alfabetização desenvolvido com a turma, em resposta às dificuldades apresentadas no diagnóstico, no início do ano letivo. A enquete/avaliação era proposta ao final de cada aula, para percebermos como estava a recepção e o envolvimento da turma com as abordagens do projeto que era realizada a cada sexta-feira.

Podemos atentar ainda, pela distribuição no quadro, apenas um dia, contamos com a participação de 100% da turma. Foi na aula que abordamos o poema “Quadrilha”. A frequência na modalidade EJA é outro fator importante a ser considerado, pois muitos são vencidos pelo cansaço e acabam deixando de ir vez ou outra, ou um quadro ainda mais preocupante, desistem e evadem da escola. Enterrando de vez o sonho.

Conseguimos concluir o ano com os doze alunos, pelo fato de um ajudar o outro, visitar o colega, motivar nas aulas, ajudar nas tarefas e, em alguns casos, por conta de garantir o jantar na merenda escolar.

Outro termômetro utilizado era um acompanhamento que realizávamos a cada aula, a cada poema apresentado, percebendo o grau de facilidade ou dificuldade diante da atividade proposta, percebendo, assim, a cada aula, o desenvolvimento e o comprometimento dos alunos com o processo ensino-aprendizagem, cientes de que a presença em cada aula faz toda a diferença na consolidação dos saberes, como demonstra o quadro 3:

GÊNERO EXPLORADO	REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE		
	Com facilidade	Com dificuldade, mas sem ajuda	Com dificuldade, mas com ajuda
Frases	2	2	6
Pequeno texto coletivo	2	2	3
Poema produzido de forma colaborativa	1	2	5
Completar versos do autor	3	5	4
Texto autônomo	2	2	3
Post-it - Confissão	4	1	4
Relação de memórias	4	3	3
Carta	3	3	3

Quadro 3 - Grau de dificuldade na realização da atividade proposta

No final da proposta de trabalho que realizamos a partir da poesia drummondiana, avaliamos novamente todos os alunos envolvidos no processo para percebermos os avanços e dificuldades detectados a cada aula explorada e, concluímos que avançamos muito na caminhada, tendo em vista as dificuldades iniciais apresentadas por cada educando (ver quadro 1).

Duas capacidades/habilidades que conseguimos consolidar 100%, foram: a compreensão da natureza do nosso sistema de escrita e a escrita do próprio nome. Avanços que comemoramos e que irão fazer toda a diferença na vida desses sujeitos sociais, tendo em vista que são dois conhecimentos importantes para a construção de um processo de alfabetização significativo.

Os três alunos dos doze que não chegaram a consolidar por completo os saberes, estão no processo e precisam continuar dando um passo por vez. No entanto, tivemos êxito em outros passos importantes para a consolidação de aprendizados nesse processo de apropriação do nosso sistema de escrita que ajudarão na construção de domínios e saberes, possibilitando a utilização desses conhecimentos aprendidos em qualquer situação comunicativa, ultrapassando a barreira não só do analfabetismo funcional, mas e sobretudo, o pensamento e o posicionamento crítico.

Vejamos no quadro 4 (comparar com o quadro 1), para percebermos como se deu o percurso dos doze estudantes nessa caminhada no processo de alfabetização:

CAPACIDADES /HABILIDADES AVALIADAS	CONSOLIDAÇÃO DOS SABERES		
	SIM	NÃO	EM PROCESSO
Compreende a natureza alfabética do nosso sistema de escrita (diferenças entre escrita e outras formas gráficas, outros sistemas de representação)	12	0	0
Domina as convenções gráficas (letras maiúsculas e minúsculas, cursiva)	11	0	1
Conhece o alfabeto	10	0	2
Domina as relações entre grafemas e fonemas	9	0	3
Escreve o próprio nome	12	0	0
Sabe decodificar palavras e textos escritos	9	0	3
Sabe ler, reconhecendo globalmente as palavras	9	0	3

Quadro 4 - Avaliação final da turma de acordo com as capacidades/habilidades da alfabetização

Assim, percebemos os avanços nesse percurso, zerando a coluna do não e consolidando saberes ou ainda, em alguns casos, detectando que estão no processo de conquista de saberes, precisando de mais alguns passos para que estes saberes sejam consolidados de fato. Nesse sentido, ampliar o olhar e as leituras de mundo é fundamental para que estejam atentos e curiosos trilhando essa caminhada de descobertas, que se realiza na interação com o outro.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos ter alcançado o objetivo principal deste trabalho ao despertarmos a sensibilidade, o gosto e o prazer da descoberta da leitura a partir da escrita do poeta Carlos Drummond de Andrade - que os alunos o chamavam carinhosamente de “*velhinho sabido*” - e a proposta de conhecermos a sua obra e, a partir de cada poema estudado buscar uma motivação para abordar a temática proposta nas palavras e versos, estabelecendo uma relação com as experiências vivenciadas pelos alunos, aproximando-os da poesia e do fazer poético, desenvolvendo uma postura crítica e reflexiva frente a novos pensamentos, ideias, sentimentos e ações que despertaram o interesse e a vontade de ampliar os conhecimentos cada vez mais.

Participar da construção da identidade a partir da escrita do próprio nome - atuação cidadã para o desenvolvimento de valores e atitudes partindo da ideia de que a cidadania é conquistada pelo o envolvimento nas questões sociais, na luta pelos direitos assegurados na Constituição, - foi edificador, na perspectiva de possibilitar esse feito de proporção singular para os educandos desta turma, que além da participação cidadã, aprimoraram o jeito de se expressar de forma criativa, crítica e enriquecedora, opinando e questionando os temas propostos, relacionando-os às suas vivências, aos seus conhecimentos de mundo, permitindo enxergar além das palavras, da poesia.

Destacamos nesse percurso o envolvimento e o empenho dos alunos a cada aula, a cada poema trabalhado em sala, bem como o compromisso e o desejo de ajudar os colegas nesse processo de construção e sistematização de saberes importantes para a consolidação das habilidades de leitura e escrita. Tendo em vista, que o trabalho realizado ganhou a simpatia e o interesse dos alunos a partir do aguçar da autoestima ao serem desafiados a escreverem o próprio nome e, perceberem que eram capazes de realizá-lo com maestria, bastava o esforço diário de participar das aulas e buscar a cada dia aprimorar os conhecimentos já conquistados ao longo da vida, mas que a escola poderia colaborar com essa construção de forma significativa, dando sentido ao processo ensino-aprendizagem.

No entanto, a assiduidade foi um fator complicador nesta pesquisa, visto que só em uma das oito atividades propostas tivemos a presença de toda a turma. Nas outras aulas os números oscilaram entre dez e sete educandos presentes. Destacamos este fator, pela a importância da socialização de saberes e vivências que enriquecem os debates das temáticas propostas a cada aula, bem como, a execução da atividade em si, pois os estudantes desta

modalidade e, em especial esta turma, na maioria das vezes não têm tempo fora do horário de aula, em decorrências das outras ocupações e responsabilidades assumidas, sobretudo, para garantir a sobrevivência. Convém ainda destacar, nesse sentido, que há toda uma sequência didática e uma sistematização dos conhecimentos organizados para facilitar a consolidação dos saberes necessários para o domínio das habilidades de leitura e escrita.

Para o ano de 2023 a coordenação da Educação de Jovens e Adultos - EJA com os docentes desta modalidade no município de Quixadá, propõe ofertar uma turma de EJA I - referente aos anos iniciais do ensino fundamental, ou seja, 1º, 2º e 3º anos, para que os alunos tenham mais tempo para a consolidação dos conhecimentos necessários para a continuação do ciclo de estudo e ingressar no fundamental anos finais, sentindo-se mais seguro e confiante e, assim participar mais ativamente das atividades

As práticas aqui propostas são atividades simples e exequíveis, mas que favoreceram o letramento literário e o papel ativo do sujeito leitor, assumindo o protagonismo na consolidação dos saberes, aprimorando o seu olhar e enriquecendo as suas leituras a partir da interação com os colegas, sobretudo, da interação com o autor e sua obra, que foi facilitada pelo quantitativo de alunos na turma, o que nos permitiu um acompanhamento sistemático, com atividades direcionadas a cada dificuldade apresentada, favorecendo, assim a construção dos conhecimentos necessários para a compreensão leitora, buscando compreender melhor a maneira como a literatura afeta e é afetada pela sociedade.

Esperamos assim, que ao final desse projeto tenhamos despertado também o domínio da habilidade leitora, para que os educandos possam buscar, além da poesia, outros gêneros textuais e, assim, possam ampliar o seu repertório literário a partir da poesia drummondiana, em especial, da obra *Claro enigma*.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Uma forma de saudade**: páginas de diário/Carlos Drummond de Andrade. Organização Pedro Augusto Graña Drummond. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião**: 23 livros de poesia. v.3. 6.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião**: 23 livros de poesia. v.2. 6.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Nova Reunião**: 23 livros de poesia. v.1. 6.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro enigma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética**. 53. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- ANDRADE, Mário. **A lição do amigo**: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade anotada pelo destinatário. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ANDRADE, Fábio de Sousa. Trouxeste a chave? Poesia e memória em Carlos Drummond de Andrade. In: MOURA, Murilo Marcondes de (Org.). **Cadernos de leituras Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 89-105.
- ARRIGUCCI JR., Davi. **Coração partido**: uma análise reflexiva da poesia de Drummond. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BRAIT, Beth. SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. (Orgs.) **Texto ou Discurso?** São Paulo: Contexto, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasil, 2018.
- CANÇADO, José MARIA. **Os sapatos de Orfeu**: biografia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Páginas Abertas, 1993.

- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191
- CANDIDO, Antonio. **Inquietudes na poesia de Drummond**. Vários escritos. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 67-97.
- CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Orientações Curriculares Prioritárias do Ceará**: ensino fundamental anos iniciais. Fortaleza: SEDUC, 2020.
- CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará**: educação infantil e ensino fundamental. Fortaleza: SEDUC, 2019.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSTA, Luciana Alves da. Sequência didática - alguma leitura de Carlos Drummond de Andrade. In: MOURA, Murilo Marcondes de (Org.). **Cadernos de leituras Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 123-145.
- CUNHA, Antonieta. **Carlos Drummond de Andrade**. 1.ed. São Paulo: Moderna. 2006.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura**. 1.ed. São Paulo: Parábola. 2020.
- FEITOSA, Sonia Couto Souza. **Método Paulo Freire**: Princípios e práticas de uma concepção popular de educação. (Dissertação em Filosofia da Educação), USP: São Paulo, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Trad. Flávio Paulo Meuer. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- KOCK, Ingedore Villaça. Flagrantes da construção interacional dos sentidos. In: KOCK, I. G.V. **Introdução à lingüística textual**: trajetória e grandes temas. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LAGE, Claudia. **Labirinto da palavra**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

- MERQUIOR, José Guilherme. **Verso universo em Drummond**. 3. ed. São Paulo: Realizações Editora, 2012.
- MORICONI, Ítalo(Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa** (Tomo I). Trad. Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Papirus, 1994.
- SABINO, Fernando; NEVES, David. O fazendeiro do ar. Bem-te-vi Filmes.(1972). Disponível em: [\(674\) O Fazendeiro do Ar - YouTube](#). Acesso em: 10/04/2023.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Drummond: o gauche no tempo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- VILLAÇA, Alcides. Poesia de Drummond: na trilha dos enigmas. In: MOURA, Murilo Marcondes de (Org.). **Cadernos de leituras Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 107-121.

APÊNDICE 1

Escola: _____ Turma: _____
 Nome: _____ Data: __/__/__

FORMANDO PALAVRAS

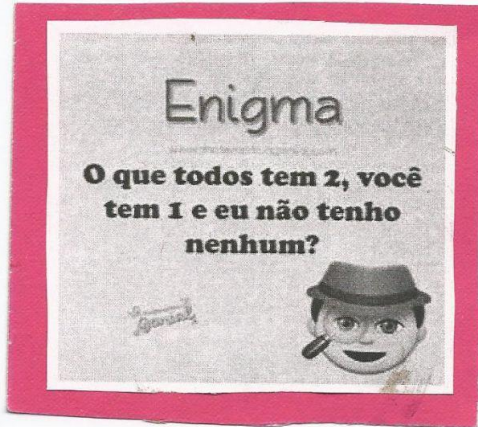
1 BO	2 TO	3 GA	4 SOR	5 NA
6 CA	7 VE	8 BA	9 LE	10 PIS
11 PA	12 TA	13 BOR	14 LA	15 TE
16 VA	17 PE	18 RA	19 FU	20 SA

1-14 _____	6-20 _____	16-6 _____
11-2 _____	8-5-5 _____	8-5-5 _____
3-2 _____	13-1-9-12 _____	8-12-12 _____
4-7-15 _____	14-10 _____	17-18 _____

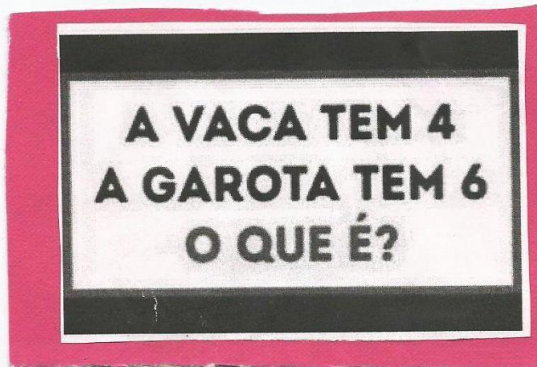
APÊNDICE 2

Claro Enigma -

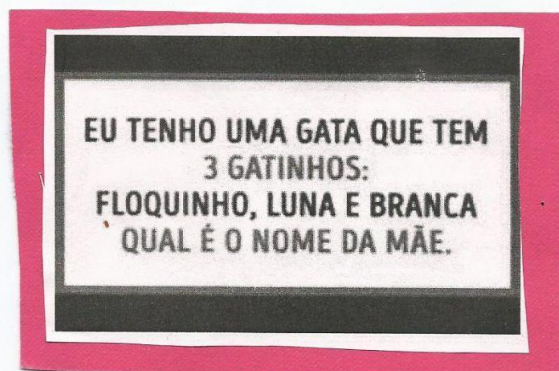
Lucileide dos anjos



R - Letra O



R - Letras



R - Lucileide dos anjos

APÊNDICE 3

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra.



Nunca me esquecerei desse acontecimento

Na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho

Tinha uma pedra



Tinha uma pedra no meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra.

Francisca Helena Supruno ALVES

- 1º) meio não combina comigo.
- 2º) não tenho pedras no meu caminho.
- 3º) não perco um dia de aula
- 4º) minha vontade de aprender a ler é grande.
- 5º) meu sonho vai se realizar: vou aprender a ler.

APÊNDICE 4

A PALAVRA MÁGICA

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.

Como desencantá-la?

É a senha da vida
a senha do mundo.

Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.

Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.

Adilindo Alves Benvenuto
Minha palavra é uma Palavra
mágica que se escreve
Foi um grande presente para
a minha vida e dos meus colegas
Não vou parar de procurar
procuro desencantar e dar
vida às palavras que dormem
dentro dos livros. caminho
amar
deus



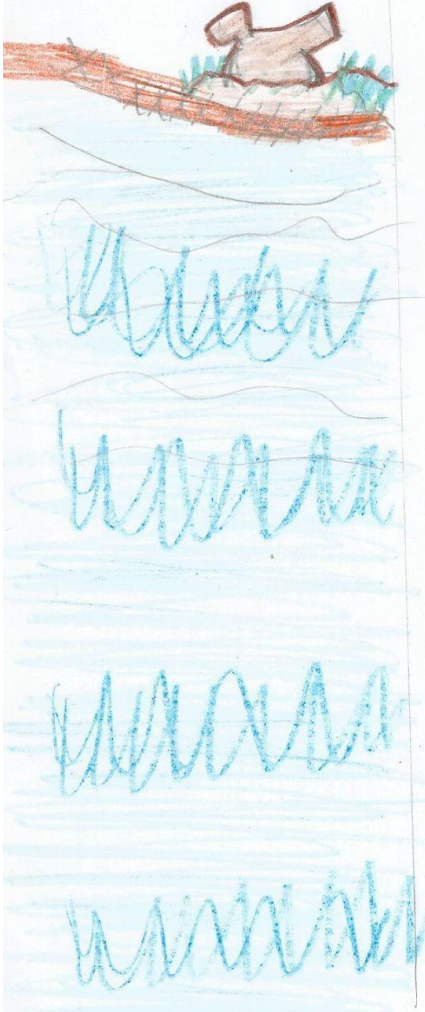
APÊNDICE 5

maria francileide dos santos sauer
CIDADEZINHA QUALQUER

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.



Vou contar pra vocês
um pouco do meu sentimento
a quietude e a tranquilidade
e muita diversão.

Tem o Pedro, um grande
galinha choca e a lúde
Aqui no Beirão, centro da região.
ão.

Teenho muitos amigos,
que tragam no coração
e muita vontade
de aprender a lição
e muitas palavras nos livros
e escrever meu
mel com Pai Xão
Realizar esse sonho
É tudo que quero como opção.

APÊNDICE 6

João Zvonete Vidal de Nello Lino

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

- João foi para os Estados Unidos atrás de um amor.
- Teresa foi para o convento ser freira
- Raimundo morreu de desastre de trem
- Maria ficou para tia porque era muito mais
- Joaquim suicidou-se com desgosto da vida.



APÊNDICE 7

DISSOLUÇÃO

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.

Pois que aprouve ao dia findar,
aceito a noite.

E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.

Braços cruzados.

Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povoações
surgem do vácuo.
Habito alguma?

E nem destaco minha pele
da confluyente escuridão.

Um fim unânime concentra-se
e pausa no ar. Hesitando.

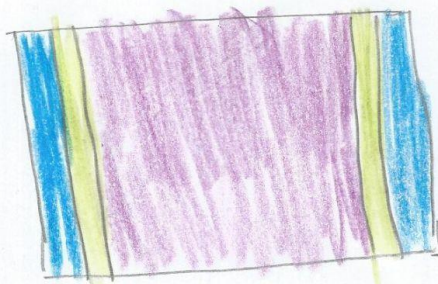
E aquele agressivo espírito
que o dia carrega consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destroçada.

Vai durar mil anos, ou
extinguir-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.

E sem alma, corpo, és suave

antonía Nunes da Silva
não deixo cruzar os braços
porque tenho muito
o que fazer
não deixo cruzar os braços
porque gosto de trabalhar
custurando não
tenho tempo para
cruzar os braços.



APÊNDICE 8

CONFISSÃO

Não amei bastante meu semelhante,
não catei o verme nem curei a sarna.
Só proferi algumas palavras,
melodiosas, tarde, ao voltar da festa.

Dei sem dar e beijei sem beijo.
(Cego é talvez quem esconde os olhos
embaixo do catre.) E na meia-luz
tesouros fanam-se, os mais excelentes.

Do que restou, como compor um homem
e tudo o que ele implica de suave,
de concordâncias vegetais, murmúrios
de riso, entrega, amor e piedade? |

Não amei bastante sequer a mim mesmo,
contudo próximo. Não amei ninguém.
Salvo aquele pássaro — vinha azul e doido —
que se esfacelou na asa do avião.

Confissão

Arlindo



Devia ter gravado todas as minhas músicas
e formar um grande sucesso um grande
compositor

Armando Alves Benevenuto

APÊNDICE 9

MEMÓRIA

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Lucilei de 45 anos



Positivos	Negativos
Os filhos	Sofrimentos
Meu esposo	Peça
Muitos filhos	Muito trabalho
Peça	marbaca
Muito trabalho	

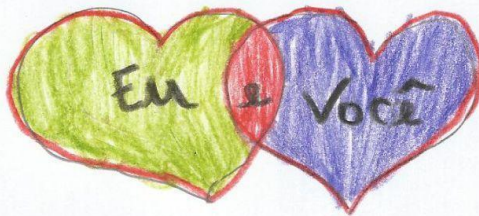
APÊNDICE 10

AMAR

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

meu amor Josemir,
não me deixe, porque eu te amo
meu amor. Sempre te amei.
Você é a razão do meu viver.
Você é a flor do meu jardim.
com você meu mundo é mais
colorido. Do seu amor,
Helena

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o amar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?



Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho,
e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

Francisca Helena Supriono Alves

ANEXOS:



PREFEITURA DE
QUIXADÁ
Secretaria Municipal da Educação

DISTRITO EDUCACIONAL CAMPO VELHO

EEF. Padre Vicente Gonçalves Albuquerque

DECLARAÇÃO

Declaramos, para devidos fins, que estamos cientes da pesquisa de Mestrado aplicada pela professora Antônia Dvandy Pedrosa Lima, nesta unidade escolar, com os alunos da turma da turma da EJA II, no período noturno.



Maria José Lopes
Diretora Geral
Parecer: 15/2021

Quixadá-CE, 04 de maio de 2022

Distrito Educacional Campo Velho
Rua Dom Lucas, S/N Campo Velho – Quixadá – Ceará
CEP: 63907 - 040 Fone: (88) 3412- 4023
E-mail: distritocampovelho@gmail.com

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, ATIVIDADES E ASSINATURA

Nós, alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA II, turma 2022, da EEF Pe. Vicente Gonçalves Albuquerque, localizada no bairro Campo Velho, Quixadá - Ceará, autorizamos o uso de imagens e atividades realizadas em sala de aula com as nossas assinaturas, que fizeram parte da pesquisa de mestrado da professora Antônia Dvandy Pedrosa Lima, intitulada **"Claro enigma: desvendando o mundo das palavras e da poesia drummondiana na sala de aula"**.

Por esta ser a expressão da nossa vontade, declaramos que está autorizado o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ou qualquer outro e assinamos a presente autorização.

Quixadá- CE, 02 de dezembro de 2022.

1. Antonio Osmar Marcelino de Lima
2. Lucileide Santos
3. Francisca Helena Superioro Alves
4. Arlindo Alves Benedito
5. Maria do Carmo Vionanda Silva
6. Alberfrança Dantas Lima
7. Ivoneide Viçosa de Melo Lima
8. Antônia Regina Sabino da Silva
9. Francisca Rodrigues da Silva
10. Antônia Nunes da Silva
11. Maria Francieleide dos Santos Sousa
12. Maria Gilvania Alves da Silva